

EUCLIDES STAUB
JOSÉ RAUL STAUB
GRÁFICA E EDITORA SÃO MIGUEL

Povoamento e Colonização da Extremo-Oeste de Santa Catarina

Segundo os primeiros moradores



Isidro Nardes



Juventino P. Pinto



Eneas Scherer



Olímpio Dal Magro



Aneide Anoni



Euclides Staub, Especialista em História pela **UNOESC**, professor do Colégio La Salle Peperi 1989-1992, professor do Colégio Cenecista Santos Dumont 1988-1990, professor militar 1985-2000, professor e diretor do Garra Concursos 1989-2010, professor no Colégio Federal Ana Libória (Boa Vista-RR), Militar R1 (Ministério da Defesa), relevantes serviços prestados na Amazônia 1992-1994, sócio fundador da Cooperativa Educacional de Santa Catarina (Cooesc), sócio proprietário da Gráfica e Editora São Miguel Ltda. e editor do Jornal Imagem.

*Povoamento e
colonização do
Extremo-Oeste
de Santa Catarina*

—
Segundo os primeiros moradores
—

Euclides Staub

Jose Raul Staub

*Povoamento e
colonização do
Extremo-Oeste
de Santa Catarina*

—
Segundo os primeiros moradores
—

S'ao Miguel do Oeste – SC

2013

Editora

Gráfica e Editora São Miguel Ltda ME

Impressão

Gráfica Porto Novo

Fotografia

Euclides Staub, Ivan Ansolim, Ruy Arcádio Luchesi (in memorian)

e Plácido Gavioli (in memorian)

Correção e revisão Gramatical

Lotário Staub e Luciane da Silva Staub

Capa

Anderson Ricardo Staub

Diagramação

Cheila Pinnow

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Bibliotecária Maria Salete Neckel Zorzan – CRB-14/158

S798 STAUB, Euclides, 1967-

Povoamento e colonização do extremo-oeste de Santa Catarina:
segundo os primeiros moradores / Euclides Staub e José Raul Staub. –

Local : Gráfica/Editora, 2013.

148 p. : il. ; 21 cm

“Pesquisa de conclusão do Curso de História da UNOESC, 1985.”

ISBN:

1. Povoamento – Extremo Oeste – Santa Catarina. 2. Colonização
alemã – Extremo Oeste – Santa Catarina. 3. Colonização italiana –
Extremo Oeste – Santa Catarina. 4. Primeiros moradores – Entrevistas.
I. Staub, José Raul, (1967-). II. Título

CDD: 981.64

Dedicatória

*Aos nossos pais, Hiltor e Cecília Staub e nossas
amadas esposas Liselaine e Luciane.*

Agradecimentos

Aos professores da UNOESC/UNOCHAPECÓ: Pedro Ucsay, Alceu Werlang e Hilda Demetruk.

Aos Senadores: Luiz Henrique da Silveira, Cacildo Maldaner e Paulo Bauer.

Aos Deputados: Celso Maldaner, Mauricio Eskudlark, Pedro Baldissera, Mauro de Nadal. Reno Caramori, Dirceu Drech.

Aos Secretários de Desenvolvimento Regional: Volmir Giumbeli - São Miguel do Oeste; Rolf Trebien - Itapiranga e Normélio Menegazzo de Dionísio Cerqueira. Além do Gerente Regional de Educação de SMO, Moacir Martello.

Aos prefeitos: (CITADOS NO MAPA POLITICO DO EXTREMO OESTE SC, ANEXO)

Às Famílias Basso, Bonora e Sirlei Dalto é Ao Museu Municipal Ruy Arcádio Luchesi

Ao prefeito de Descanso e Presidente da AMEOSC Hélio Daltoé. Entre outros, pelos relevantes serviços prestados a educação e a cultura local e regional, na esfera de suas atribuições.

Apresentação



A obra **“Povoamento e Colonização do Extremo-Oeste de Santa Catarina Segundo os primeiros moradores”** foi idealizada a partir de uma pesquisa de Conclusão do Curso de História de um dos autores na UNOESC- 1995 a qual possibilitou os aspectos estruturantes que norteiam o roteiro do livro que baseia-se nos depoimentos de Aneide Anoni - Eneas Scherer - Olimpio Dal Magro. Depoimentos esses que constituem a principal fonte de informações que permitem descrever a trajetória dos fatos que fizeram parte da Colonização, povoamento e consolidação de vilas e cidades no Extremo-Oeste de Santa Catarina.

Os autores se utilizam dos depoimentos das três pessoas citadas, sendo que cada uma delas com distinta formação escolar/acadêmica bem como condição sócio-econômica, com o intuito de poder representar os diferentes segmentos da sociedade em construção na perspectiva da História Oral, complementada com os registros bibliográficos pertinentes para descrever um breve histórico acerca da Colonização Local, caracterização da origem dos Colonizadores, descrição das peculiaridades da Colonização Alemã e Italiana, com ênfase aos

aspectos Políticos, Econômicos, Sociais, bem como as Transformações Ambientais da região.

A publicação deste trabalho contribui para a valorização da história de luta dos pioneiros que desbravaram a região do Extremo-Oeste catarinense com muito trabalho, coragem, abnegação e obstinação em não desistir facilmente de seus propósitos, características que se fizeram presentes nos primeiros colonizadores e continuam presentes de forma marcante na grande maioria das pessoas que nasceram, viveram ou vivem na região, consolidando uma característica marcante do povo oestino.

O convite para a leitura deste livro estende-se a todos os segmentos da sociedade, por trazer o conteúdo escrito de forma didática, ilustrada com fotos, depoimentos e mapas que possibilitam a fácil compreensão. A temática abordada traz em si contribuições históricas da referida região que beneficiam desde os estudantes da Educação Básica até os Pós Graduados. Além disso, abre caminho para novas pesquisas, uma vez que nesta obra foram levantados fatos históricos até então desconhecidos ou já esquecidos e são dignos de serem editados. Portanto apresenta-se uma obra de valor histórico-cultural que contribui significativamente com o registro de aspectos da história local, na perspectiva dos primeiros moradores, bem como dos documentos e monumentos que fazem parte da construção e evolução do Extremo-Oeste de Santa Catarina.

Os autores:

Euclides Staub e José Raul Staub

Sumário



Introdução	13
1. Aspectos colonizadores	23
1.1 Breve histórico sobre a colonização local	23
1.2 A colonização de origem européia (as marcas da colonização).....	24
1.3 Peculiaridades da colonização alemã.....	26
1.4 Peculiaridades da colonização italiana	29
2. História do povoamento	33
2.1 Aspectos políticos	50
2.2 Aspectos econômicos.....	55
2.3 Ambiência social.....	61
2.4 Transformações ambientais.....	66
Considerações finais	73

Referências bibliográficas	79
Fontes	81
Anexos	83

Introdução



A migração é uma característica inerente as sociedades humanas e que pode ser motivada por várias razões, em geral as mais marcantes observam-se nas catástrofes provocadas pela ação da natureza, hostilidade entre sociedades rivais (o caso das guerras e disputas por territórios), insuficiência de recursos que assegurem a sobrevivência mínima ou digna, o sonho da conquista de novos espaços, no qual situam-se alternativas para a efetivação de desejos ou atendimento as necessidades do sujeito e a coletividade a qual pertence.

No Brasil particularmente, os fenômenos migratórios, são uma constante ao longo de sua história. Ao observarmos as sociedades denominadas “Indígenas” constituídas por diversas etnias movimentam-se por todo o imenso território brasileiro por razões diversas, característica própria dos grupos nômades. Os grupos vindos de outros continentes, sobretudo os europeus, ocuparam inicialmente as áreas litorâneas, porém a ocupação das áreas interioranas não demorou a acontecer. Motivados pela exploração dos recursos naturais e posteriormente pela produção agrícola, as fronteiras ampliaram-se por intermédio de um processo migratório intenso.



As primeiras casas da Vila Oeste

Num período em que as migrações internas ocorriam com frequência em todo o Brasil, no Sul do país esse fenômeno também se fez presente, no Extremo-Oeste catarinense. Os migrantes vindos de todas as regiões, principalmente do Rio Grande do Sul iniciaram um processo de migração que visava à expansão das fronteiras agrícolas, bem como a busca de terras férteis e baratas, repletas de madeira para extração, tendo o pinheiro como destaque.

A localização deste espaço, visado pelos colonizadores, encontra-se a 26° 43' 32' Latitude Sul e a 53° 31' 06" de Longitude Oeste. Ocupa a região ocidental de Santa Catarina, atual Município de São Miguel do Oeste. Sendo que a população é preponderantemente de origem italiana e alemã. Os primeiros colonizadores, descendentes de imigrantes vindos principalmente do noroeste do estado do Rio Grande do Sul, instalaram-se na região, na segunda metade da década de trinta do século XX, iniciando um processo de ocupação marcado por inúmeras dificuldades e desafios, enfrentados com muita bravura por homens e mulheres dispostos a construir uma nova vida para si, seus familiares e, sobretudo, um novo espaço social, com novas oportunidades, haja vista

as limitações impostas pela ocupação intensa das regiões do interior do estado do Rio Grande do Sul.

No princípio, eram apenas algumas pessoas imbuídas de um espírito conquistador, dispostas a enfrentar dificuldades da mata cerrada, a carência de recursos de toda ordem, bem como a distância dos familiares que permaneceram no Rio Grande do Sul. Todavia, em março de 1939, o pioneiro Alberto Dalcanele demarcou o local em que foi construído o primeiro rancho para o abrigo dos carpinteiros que ali chegaram, vindos da cidade gaúcha de Caxias do Sul.

Em meio a muitas dificuldades, retiravam da mata os recursos necessários à construção que abrigou colonos e carpinteiros, responsáveis pelas primeiras construções do novo povoado, que mais tarde passaria a ser a cidade mais expressiva da região Extremo-Oeste de Santa Catarina, São Miguel do Oeste.



Primeiros moradores

A partir de 1940 intensifica-se a chegada dos agricultores, entendidos aqui por primeiros colonizadores dessa região, entre eles destacamos: Willy Barth, Gastão Luiz Benetti, Manoel Passos Maia, Dionisio Decarli e Reinoldo Decarli. Com espírito empreendedor, constituíram a firma Barth Benetti & Cia. Ltda. A empresa colonizadora dirigida por Alberto Dalcanale adquiriu do Patrimônio da União, conforme escritura lavrada em 14 de novembro, na comarca de Chapecó - SC, parte da gleba Pepery-Chapecó, com 4.800 hectares. Em 02 de janeiro de 1941, a mesma colonizadora adquiriu da firma Brazil Development and Colonization Company, proprietária da área de 273.703, 5.472 hectares, mais 13.382,6 hectares da mesma gleba.

Nos primeiros meses do ano início de 1941 foi delimitado o local para a sede do povoado, e para atender às necessidades dos primeiros moradores, construiu-se um barracão que servia de moradia provisória. O Senhor Ângelo Longhi constrói uma pequena serraria movida à água. A construção dessa serraria, implica na constatação de que a ocupação do extremo-oeste catarinense, não seria apenas exploratória, afinal já trazia consigo, ainda que de forma incipiente, as marcas do capitalismo industrial que não demorou a se fazer presente com a instalação de várias indústrias madeireiras que contribuíram com a devastação da imensa floresta que cobria o solo fértil da região.



*Industrialização e extração da
madeira no Extremo-Oeste de Santa
Catarina, meados do século XX*

No Rio Grande do Sul propagou-se a notícia de que no Oeste de Santa Catarina existiam terras férteis e baratas. Então em 11 de janeiro de 1940 chegou de Caxias do Sul - RS uma das primeiras famílias para colonizar as terras, trata-se da família de Francisco Ferrasso, com dez membros.

Os pioneiros em sua imensa maioria, movidos pela fé católica, obtiveram em meados do ano de 1943 a colaboração da firma colonizadora, que mandou construir um templo católico escolhendo como padroeiro São Miguel Arcanjo, protetor dos madeireiros. Os madeireiros extraíam a madeira para ser comercializada nos grandes centros brasileiros e especialmente no exterior para onde era exportada, abrindo espaço nas terras para a produção de cereais, tabaco, açúcar, mandioca, cachaça e pecuária.



Primeira igreja Católica

Em 1944, o jovem padre Aurélio Canzi assumiu a direção da orientação religiosa católica do Extremo-Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná. A presença do jovem padre confirma a tradição católica da grande maioria dos migrantes que se instalavam em SMO.



Pe Aurélio

A vocação econômica natural da região do Extremo-Oeste catarinense está ligada ao extrativismo vegetal e à produção agrícola, na qual foram sedimentadas as bases que permitiram que SMO se tornasse o principal pólo econômico da região, após um longo período de instabilidades.

No final de 1944, a colonizadora Barth Benetti & Cia. Ltda. passou a denominar-se Barth Anoni devido à retirada do sócio Gastão Benetti e o

ingresso de José Anoni, advindo de Carazinho - RS. A empresa dedicava-se à demarcação e revenda das terras aos colonos, além da comercialização da madeira, sendo esta escoada pelos rios Peperiguaçu e Antas.

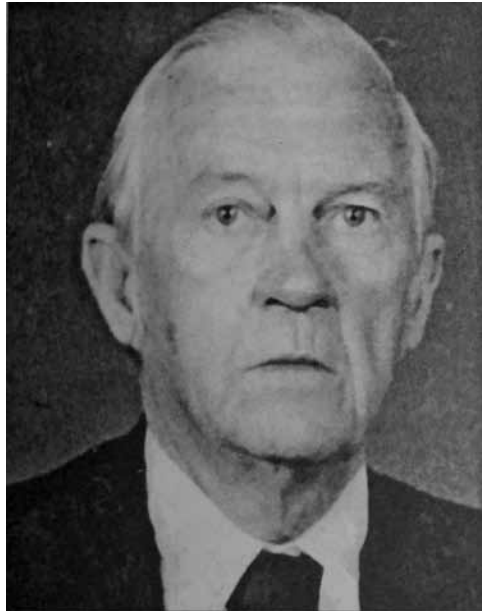
Os pequenos afluentes do rio Uruguai não possuíam profundidade suficiente para realizar o transporte da madeira a qualquer tempo, fazia-se necessário aguardar a cheia dos rios para que a madeira embalsada pudesse flutuar até São Tomé, na Argentina, onde era comercializada e posteriormente embarcada em navios e exportada principalmente para a Europa e Ásia. Inclusive, desta madeira foram feitos os dormentes para a construção da Estrada de Ferro Transiberiana, maior ferrovia do planeta. A enchente de 1946 trouxe o vírus do tifo, provocando a desistência de colonos que já haviam adquirido terras da colonizadora.



Mapa escoamento da madeira – Os Três Mártires Rio-Grandenses – p. 116

A então localidade de São Miguel do Oeste estava subordinada politicamente ao Distrito de Mondaí e ao Município de Chapecó - SC. Em agosto de 1949 surgiram as primeiras lideranças comunitárias com a fundação da Sociedade dos Amigos da Vila Oeste, tendo como primeiro presidente o Sr. João Batista Zacca.

Ainda em 1949, o Dr. Serafim Eros Bertaso, presidente da câmara de vereadores e exercendo cargo de prefeito de Chapecó, criou o 15º distrito do Município, desmembrando do Distrito de Mondaí a localidade de São Miguel do Oeste que foi elevada a condição de Distrito de Chapecó. Os Distritos eram coordenados por Intendentes, sendo que ocuparam essa função no novo distrito: João Batista Machado Vieira, Generoso Rodrigues de Moraes e Avelino Debona, respectivamente. Este último nomeado pelo então prefeito de Chapecó - SC, Dr. José Miranda Ramos.



Leopoldo Olavo Erig – 1º prefeito nomeado



Casa de Leopoldo Olavo Erig

Ao aproximar-se o período eleitoral a Sociedade dos Amigos de Vila Oeste indicou Leopoldo Olavo Erig como candidato a vereador **pelo PPB, o** qual foi eleito. Em 1953, o Governador Irineu Bornhausen nomeou como prefeito provisório Leopoldo Olavo Erig, e em 1954, instalou-se oficialmente o Município de São Miguel do Oeste/SC. No mesmo ano, foi indicado Walmir Bottaro Daniel, o qual exerceu o cargo até a posse do primeiro prefeito eleito, Olímpio Dal Magro, em 03 de outubro de 1954. A posse de Olímpio foi em 15 de novembro do mesmo ano.



Clube Guarani comemora posse de Olimpio Dal Magro em 15/11/1954

1

Aspectos colonizadores



1.1 Breve histórico sobre a colonização local

Este breve histórico toma por base o material de divulgação da Prefeitura Municipal de São Miguel do Oeste, de modo que foi pesquisado em panfletos diversos e informações registradas no Museu Municipal.

Este capítulo da História envolvendo São Miguel do Oeste e região, destaca a atuação dos bravos colonizadores, seus filhos e filhas, além de colaboradores de outras localidades. Sabe-se que várias outras histórias já foram escritas e muitas ainda poderão ser escritas acerca do tema, com a mesma intenção porém com um olhar diferente, por eles mesmos ou pelas novas gerações que dispõe de recursos diversos e que

não estavam disponíveis em outras épocas. Sendo assim, espera-se que os futuros relatos possam ser ainda mais completos, uma vez que os pioneiros nos deixam a lição de que tudo é possível quando nos dispomos a desenvolver o projeto que acreditamos; as barreiras são muitas, mas o sabor da superação é extremamente compensador.

1.2 A colonização de origem europeia (as marcas da colonização)



Agricultora de origem europeia

A imigração dirigida de europeus para o Brasil iniciou-se a partir da vinda da Família Real para o Brasil, em 1808 por ocasião das ameaças do exército napoleônico, que constituía a principal força militar da Europa nesse período e representava um grande perigo ao Reino de Portugal. A abertura dos portos às nações amigas e o coroamento de D. Pedro I e da Rainha Dona Leopoldina de origem germânica, desencadearam a vinda dos europeus para o Brasil. Vale lembrar que Dona Leopoldina fundou a Colônia de São Leopoldo – no Rio Grande do Sul.

Na mesma época, a Inglaterra avançava fortemente com a Revolução Industrial, e, para desenvolver este processo, necessitava de matéria-prima e de mercado consumidor. Durante o bloqueio continental imposto por Napoleão Bonaparte, os países colonizados da Ásia, África e América sustentaram o processo de industrialização inglesa (LANDO, 1980, p. 4).

O grande obstáculo à expansão econômica dos países colonizadores do Continente Europeu consistia no baixo consumo e aquisição ou compra dos produtos industrializados por parte dos países colonizados, o que se devia, em grande parte, ao fato do regime escravocrata presente em várias colônias o que fazia com que os seus trabalhadores não fossem assalariados e portanto sem poder de consumo. Para suprir esta deficiência duas medidas foram adotadas: primeiro, acabar com o trabalho escravo e, posteriormente, melhorar a qualidade da mão-de-obra dos trabalhadores.

Com estas medidas, o Brasil tornou-se o cenário ideal para fomentar o capitalismo inglês. Possuidor de farta matéria-prima e numerosos portos, faltava apenas melhorar a capacidade de consumo de produtos industrializados no país. Para tanto, entre outras medidas, limitaram-se as atividades não assalariadas, e para fomentar o consumo, introduziram os imigrantes europeus que vinham para o Brasil com a possibilidade de tornarem-se proprietários de terras e donos dos meios de produção fato que provocava um grande entusiasmo aos imigrantes,

especialmente aos Italianos e aos Alemães.

O processo de imigração está intimamente ligado à escravidão, uma vez que o regime escravocrata impedia o crescimento do fluxo migratório. As leis da época não permitiam escravos negros e imigrantes brancos em uma mesma colônia. Por isso, os imigrantes foram assentados nas terras devolutas, principalmente no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, enquanto que a atividade escravocrata foi direcionada para as regiões Norte e Nordeste do Brasil (LEI Nº 514, 1948).

Com a decadência do ciclo da cana-de-açúcar, o café passou a ser o sustentáculo da economia brasileira e os fazendeiros do café perceberam que o regime de trabalho escravo tornou-se antiquado e oneroso para os latifundiários (CARDOSO, 1962).

Portanto, com essas medidas, o Brasil passou a atender a todas as exigências do capitalismo mundial: passou a consumir, em grandes quantidades, os produtos industrializados, e tornou-se o grande exportador de matéria-prima para alimentar as indústrias dos países ricos.

1.3 Peculiaridades da colonização alemã

“No século XIX a Alemanha procura eliminar os resquícios do feudalismo, nesta transição do sistema Feudal para o Capitalismo, o camponês entregava um terço de suas terras ao senhor feudal e o restante era reduzido a pequenos lotes devido às sucessivas partilhas provocadas pela herança familiar” (WILLEMS, 1940, p. 14). Até 1860, a Alemanha exercia essencialmente, atividades primárias e, a cada colheita mal sucedida, a fome forçava milhares de agricultores a procurarem outras alternativas, e uma delas era a migração para a América. Um ditado popular resumia a situação dos alemães que se aventuravam nas imigrações: “Para quem está no inferno, não custa dar uma rasteira no diabo”.

Em 1834, o mercado comum permitia a livre circulação de homens e valores entre os 39 Estados alemães. Esta medida foi favorável à industrialização de alguns setores, mas contribuiu para a falência dos artesãos e trabalhadores da indústria doméstica (LANDO, 1980, p. 14).

Estes dois fatores liberaram grandes contingentes de imigrantes alemães para diferentes partes do mundo. O Brasil, por possuir um sistema privilegiado com vantagens oferecidas pelo governo, foi o grande recebedor de agricultores alemães.

O governo brasileiro estava interessado na ocupação das terras devolutas no Sul do Brasil, para ocupar esses espaços, a preferência era dada aos alemães e italianos. Essa preferência se justificava pelo estado de guerra em que se encontrava Portugal com outros países, bem como pelo casamento de Dona Leopoldina, de origem alemã, com D. Pedro I de origem portuguesa. Outra razão se deve ao fato de italianos e alemães serem reconhecidos como hábeis agricultores, conhecedores das técnicas de plantio, colheita, bem como da criação de animais como suínos, ovinos, bovinos e aves.

No ano de 1824, chegaram as primeiras levas de imigrantes alemães a São Leopoldo/RS. Esses imigrantes demonstraram capacidade de gerir a pequena propriedade com mão-de-obra familiar, eram autônomos na produção de alimentos cujo excedente era comercializado para as demais regiões do Brasil, principalmente para os latifúndios, onde predominava a atividade escravocrata (LANDO, 1980, p. 15).

Na fase posterior os imigrantes instalaram-se pelos vales dos rios Taquari, Caí e dos Sinos no Rio Grande do Sul, onde fundaram importantes cidades no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e no Paraná. Entre elas podem-se citar São Leopoldo, Novo Hamburgo e Erechim no RS; São Pedro de Alcântara Blumenau, Brusque e Itajaí em SC, e Rio Negro no Paraná.

De um modo geral, os alemães ficaram abandonados à própria sorte

dependendo basicamente de suas iniciativas para superar as adversidades e carências das mais variadas naturezas. As áreas destinadas à colonização localizavam-se em regiões de difícil acesso, o que dificultava o transporte de gêneros de subsistência aos eventuais mercados consumidores.

O ensino público era outro desafio a ser superado nas localidades em formação e desenvolvimento. O Dr. Hillibrand, diretor geral da Província de São Leopoldo, em seu relatório, em 1854, referiu-se às condições do ensino público afirmando que em toda a vila existiam apenas três escolas públicas e vinte e sete particulares, das quais apenas uma ensinava português (LANDO, 1980).

Esse abandono fez com que os colonos alemães adotassem um estilo de vida próprio: tinham as suas próprias escolas - que nem eram inspecionadas pelo governo - traziam da Alemanha os seus próprios médicos, professores, padres pastores e outros técnicos necessários para o bom funcionamento da colônia.



Quadro de Ernst Schaefer, sobre a chegada da primeira leva de imigrantes alemães em 25/07/1824, às margens do rio dos Sinos, hoje cidade de São Leopoldo

O governo não se preocupava com este estado de coisas, apenas arrecadava os impostos e angariava os votos. Quando não os conseguia, trocava o intendente ou desmembrava o município, como aconteceu com a criação do município de Novo Hamburgo (LANDO, 1980).

Diante disso manifesta-se a garra, coragem e obstinação de um povo, que diante das dificuldades busca alternativas para superá-las de todas as formas, possíveis e as vezes até imaginadas impossíveis por alguns, no entanto a história de superação atribui os créditos a todos aqueles que contribuíram de alguma forma, quer seja com iniciativas individuais ou ações coletivas para que os dia de hoje sejam melhores que aqueles vividos pelos pioneiros alemães nas mais variadas localidades do Brasil e especialmente em São Miguel do Oeste/SC.

1.4 Peculiaridades da colonização italiana

Em 1875 teve início uma das últimas etapas do povoamento do Rio Grande do Sul, com a chegada dos imigrantes italianos. Assim como a vinda dos alemães, a dos italianos também está ligada ao processo de substituição e aumento da mão-de-obra e à política de imigração e colonização do governo imperial, que reconhecia nos imigrantes italianos o seu potencial para empreendimentos no campo, bem como sua capacidade de trabalho.

Não é demais lembrar que o fenômeno migratório havido no século XIX ao século XX está diretamente ligado à expansão do capitalismo europeu e às transformações das estruturas políticas, econômicas e sociais vigentes na Europa e no Brasil, herdados de um período anterior que era, na Europa, o feudalismo, e no Brasil a escravidão. (WILLEMS, 1940)

Esse quadro possibilitou um cenário propício para a ocupação de novas áreas no território brasileiro, além de evidentemente ocupar o espaço deixado nas lavouras de café e cana-de-açúcar especialmente no Sudeste do Brasil.

Em entrevista ao Senhor Olímpio Dal Magro, um dos pioneiros da colonização, descendente de imigrantes italianos, participante da pesquisa deste trabalho, ao ser perguntado sobre a razão da vinda de seus pais da Itália, respondeu:

Porque eles passavam muita miséria, e não tinham terra para trabalhar, e tinham de trabalhar a meias (1/2). Matava um porco, era dividido à meias. Não tinha como trabalhar.



Sr. Guerino Teló (proprietário do Hotel Oeste) com visitantes, hóspedes em frente ao hotel (1958)

O frio congelava tudo. Então no inverno, as mulheres passavam na estrebaria de vacas para fazerem tecelagem e os homens iam para a América do Norte (EUA) trabalhar. Na Itália, não tinha trabalho. (OD)

Considerando que a família do Sr. Dal Magro chegou ao Brasil na década de setenta do XIX, esta crise foi provocada pela depressão europeia de 1873. A imigração atendia aos interesses dos governos, do capitalismo e dos imigrantes.

O entrevistado relatou ainda que na Itália havia falta de liberdade e superpopulação. Toda produção era dividida por dois: metade para o proprietário e a outra metade para o produtor. Disse que não existia a possibilidade de ser proprietário, mesmo que os homens, durante o inverno europeu, se deslocassem para os EUA para trabalhar e as mulheres ficassem fiando algodão na vigência da rigorosa temporada. Portanto, o Brasil era a chance da liberdade e da propriedade para o povo do velho mundo.

Os italianos e seus descendentes trazem consigo as marcas de um passado que na maioria das vezes fora conturbado exigindo muito esforço, empenho e perseverança por parte desse povo, para que pudesse juntamente com as outras etnias consolidar princípios e valores essenciais para o desenvolvimento humano e contribuir de maneira significativa com a construção da sociedade miguel-oestina, catarinense e brasileira.

2

História do povoamento local

Para consolidar um trabalho com referenciais fidedignos, optou-se pelo recurso de entrevistas aos primeiros moradores da região atualmente compreendida por São Miguel do Oeste. Na pesquisa são abordados o processo de formação da localidade e o desenvolvimento, bem como as razões da vinda dos primeiros moradores. O trabalho tem por finalidade resgatar e preservar o testemunho vivo e ocular da história do povoamento local. O relato histórico atende aos propósitos dos pesquisadores procura-se cuidadosamente preservar a fidelidade das experiências relatadas, bem como as suas interpretações

A metodologia da coleta de dados baseia-se na história oral que, no Brasil, nunca gozou de prestígio semelhante ao que lhe é atribuído nos Estados Unidos. Porém, é significativa a sua utilização no âmbito da produção científica na sociologia brasileira, bem como nos livros sobre

metodologia da pesquisa já publicados.

A história oral, é um recurso que complementa a documentação tradicional e permite uma reconstituição mais completa do passado e, consiste na *entrevista* a pessoas que vivenciaram diversos acontecimentos do processo histórico local ou nacional e sua posterior *transcrição*, observando critérios apropriados. (ORTIZ, 1989, p. 39).

As estratégias utilizadas para a elaboração do trabalho foram as seguintes:

- a) pesquisar a história de São Miguel do Oeste – SC na visão dos primeiros moradores, valorizando a produção coletiva do saber histórico;
- b) resgatar a história sociocultural de São Miguel do Oeste, aproximando o cidadão miguel-oestino de seu passado;
- c) registrar o testemunho das pessoas que vivenciaram a formação de São Miguel do Oeste do princípio até a atualidade.

Para dar início à pesquisa, foram selecionados três dos primeiros moradores, representando distintos segmentos socioeconômicos e um depoimento do Senhor Ezidro Pires Nardes.

A História do Povoamento de São Miguel do Oeste – SC foi pesquisada nos seus aspectos colonizadores, políticos, econômicos, ambiência social e transformação dos acidentes naturais, e os resultados registrados segundo depoimento dos primeiros colonizadores e colonos. Como este é o eixo desta pesquisa, os primeiros moradores desta região, índios e caboclos, não serão os protagonistas principais do estudo. Lamentavelmente, não foi possível localizar, com vida, índios e caboclos que vivenciaram estes primeiros tempos. Isto pode ser considerado uma

limitação, das muitas constatadas em estudos como este. Cada escolha faz recortes. Uma pesquisa pode ser retomada e ampliada pelo autor ou por outros pesquisadores aprofundar aspectos diversos, portanto com o presente trabalho, espera-se, abrir possibilidade para outros trabalhos de natureza semelhante.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, para o bom andamento das entrevistas, foram tomadas algumas precauções que facilitaram a coleta de dados, tais como: conhecimento prévio do assunto e o levantamento de dados já processados.

Para a entrevista foram selecionados três dos primeiros moradores que vivenciaram a formação da localidade, desde a construção das primeiras casas até os dias atuais. Durante as entrevistas procurou-se escutar mais do que falar, estar atento para formular perguntas interessantes; buscou-se ser objetivo e simples, facilitando a espontaneidade. Para tal, se fez um roteiro com perguntas guias, tomando por base os feitos fundamentais. Formularam-se perguntas claras, começando com as mais fáceis e simples. Levou-se o material para a gravação e anotação para possibilitar o registro das informações, e o formulário de autorização para publicação, bem como o termo do acordo de doação. Além disso foram feitos contatos prévios com os entrevistados para esclarecimento acerca do assunto, data, horário e local da entrevista.

Levou-se em conta que, para a obtenção de um processo de interação social através de entrevista, são necessários quatro componentes essenciais:

- o entrevistador;
- o entrevistado;
- o instrumento de captação de dados, ou roteiro de entrevista;
- o objetivo da entrevista.

Nenhum destes elementos faz sentido separado da totalidade. Cada um está em relação a um outro. Em busca da relativa objetividade, procurou-se captar o próximo do real, com um mínimo de interferências de fatores externos que pudessem modificar o original. A partir da aceitação de cada limite do método, foi possível entender os limites que cercam o real.

Também, procurou-se evitar a interferência de motivos ulteriores e a quebra da espontaneidade, os quais poderiam interferir na qualidade dos relatos dos informantes. Além destes aspectos, especial atenção foi dada para a situação dos entrevistados, a fim de evitar situações que poderiam levá-los a um estado de nervosismo e ansiedade.

Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos usando o seguinte critério: representação de diversos segmentos. Por isso entrevistase: um administrador de colonizadora de origem italiana (OD), que posteriormente foi o primeiro prefeito eleito; um colono de origem alemã (ENS) e uma mulher da agricultura (AA), de origem italiana além da inclusão do depoimento de Ezidro Pires Nardes integrante da Coluna Prestes. Todos com idade avançada e pertencentes ao grupo reduzido de testemunhos lúcidos e vivos do processo colonizador miguel-oestino.

Em 1939 foi dado o início à construção daquela que viria a ser a maior cidade do Extremo-Oeste de Santa Catarina, São Miguel do Oeste. O local escolhido, terra dos pinheirais e da madeira de lei, tinha uma localização privilegiada entre dois pequenos afluentes da margem direita do rio Uruguai: rio das Antas e Peperiguaçu. Estes rios, hoje poluídos e de pouca importância, segundo os entrevistados, foram a alavanca que impulsionou o desenvolvimento de São Miguel do Oeste.

Um dos primeiros moradores, Alberto Dalcanali, definiu o terreno onde se contruiu a sede da localidade. Querino Andreta, Garibaldi Toral, Reinoldo Pimentel, Francisco Ferraz, Willy Rarth, Gastão Luiz Benetti, Manuel Passos Maia, Dionísio Decarli, Reinoldo Decarli, Lomann, Procópio, Rodrigues, seguidos de tantos outros, deram início à construção

da então Vila Oeste. A origem de praticamente todos os colonizadores era da serra gaúcha, com algumas exceções, como a de Reinoldo Pimentel, que veio de Chupinzinho - PR. Com a expectativa de uma vida melhor, rumaram para as ricas terras do ocidente de Santa Catarina. As dificuldades enfrentadas eram muitas, porém as de ordem financeira em geral se sobressaíam as demais, a seguir os entrevistados para a pesquisa opinam sobre esse tema: De acordo com o Sr. Enéas, entrevistado: “Dadas as dificuldades econômicas, vieram para melhorar a situação financeira”.



Família Procópio

As dificuldades financeiras a que se refere o Sr. Enéas é o desgaste do solo em decorrência das queimadas associado à falta de fertilizantes e defensivos agrícolas. Como salienta o Sr. Olímpio: “O incentivo era o

seguinte: no Rio Grande do Sul a terra era fraca, não conheciam adubo e tinha formiga, além do mais as terras no RS eram muito caras, com o preço de uma colônia lá, compravam-se dez aqui.” (OD). A Sra. Aneide também ressaltava as dificuldades na produção agrícola no Rio Grande do Sul.

A primeira impressão desta brava gente não foi condizente à expectativa proporcionada pelos colonizadores. As notícias propagadas no Rio Grande do Sul pareciam os relatos de Marco Polo: “Terra boa e barata”.



A Sra. Aneide expressou bem a primeira impressão: “Ninguém queria descer do caminhão de mudança, porque era só mato” (AA). O Sr. Olímpio concluiu que isso era para loucos, e o Sr. Enéas afirmou que não tinha para onde ir, pois era órfão. Apesar das dificuldades, não se fizeram de rogados, foram à luta.

A colonizadora que divulgava o empreendimento e realizava a sua comercialização, proporcionava um mínimo de conforto para os colonos. Segundo o Sr. Enéas, na atual Rua Marcílio Dias, tinha um galpão, o “galpão dos imigrantes”, que servia de moradia provisória - local de acampamento até a construção da moradia definitiva.



Galpão para hospedar os migrantes até a construção da casa própria

Para suprir as primeiras necessidades dos pioneiros, foi construída uma serraria que serrava as tábuas destinadas à construção das casas e galpões necessários para montagem das pequenas propriedades rurais. De dia serrava madeira, a noite moía os grãos, importantes para a alimentação na época.



Transporte de madeira, em toras, pelo rio



Comercial Granzotto – 1º casa comercial de SMO – década de 40 – Av Willy Barth

Aqui na lavagem do Dalmolim (posto de lavagem de veículos), na sanguinha lá, de dia serrava-se madeira e de noite moinho, serrava uma dúzia de madeira por dia. Para construir as casas tinha de abrir as estradas primeiro. (OD)

A primeira via aberta no local para projetar a futura cidade foi a Avenida Getúlio Vargas. O primeiro prefeito tinha projetos audaciosos. Defendia avenidas com 25 m de largura e transversais com 20 m. “Daqui uns anos vão perguntar: quem construiu estas ruazinhas que nem dá para passar?” (OD)



Av Getúlio Vargas 1960

Mas as comissões de moradores o pressionaram e o estrategista de visão futura teve de ceder as pressões dos representantes da comunidade. Diminuíram as avenidas para 20 m e as transversais para 15 m de largura. Exceto a Avenida Getúlio Vargas que já estava em construção. Por isso, a referida avenida é a única da cidade com 25 m.

No entanto o desafio maior era ligar a antiga Vila Oeste aos vilarejos próximos. O mais difícil foi a construção da estrada que liga SMO a Dionísio Cerqueira. De novembro de 1943 a fins de 44, brancos e negros, seguindo a trilha da Coluna Prestes, abriram a estrada que deu origem a atual BR-163:

ES - Como abriram estas estradas?

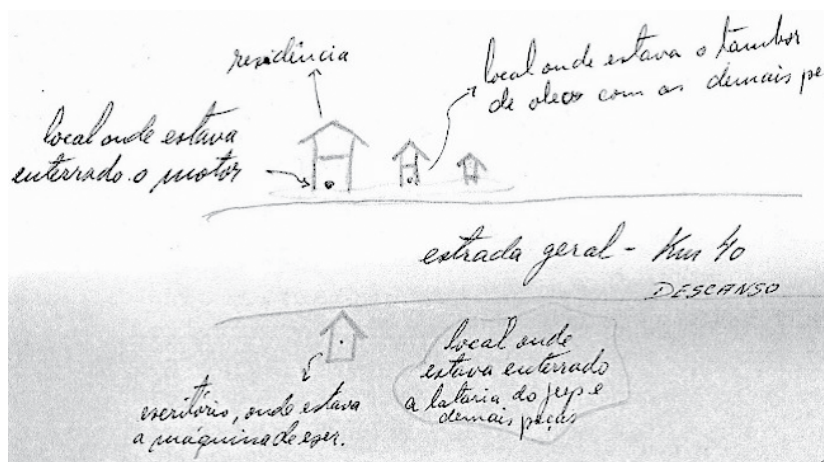
ENS - Trabalhando junto com os companheiros, escavando, roçando e derrubando as árvores – para dar passagem.



Trabalhadores na abertura de estradas

A importância desta estrada está ligada à colonização e ao transporte da madeira. As duas pequenas hidrovias apresentavam dificuldades. “Às vezes dava enchente no rio das Antas e não dava no rio Uruguai; outras vezes dava enchente no rio Uruguai e não dava no rio das Antas.” (ENS).

Além das duas limitadas hidrovias de acesso ao Rio Grande do Sul, Antas e Peperiguaçu, tinha a trilha da Coluna Prestes (Movimento revolucionário liderado por Luiz Carlos Prestes, que lutava contra as injustiças sociais e a miséria do povo, em busca de soluções efetivas para a situação em que se encontrava a população brasileira, principalmente os trabalhadores do campo, com os quais tivera contato durante a Marcha da Coluna (1924-27), que ficaria conhecida como a Coluna Prestes. Para ilustrar esse fato, apresenta-se o depoimento do ex-combatente ao final desta parte do texto). Na esteira da Coluna prestes também chegaram malfeitores e bandidos, sendo o mais famoso na região o João Pedro, do hotel Flor da Serra.



Hotel Flor da Serra de João Pedro - Croqui desenhado pelo Capitão José Manoel Nolasco Pinhal – Atual Iporã do Oeste, Km 40 – Vila São Valentim

A picada aberta pelo contingente da tropa de Prestes não atraiu apenas colonizadoras e colonos em busca de terra boa e barata também atraiu exploradores para se apossar das economias dos migrantes. Segundo a lenda uma família de alta periculosidade se instalou entre Iporã do Oeste e Descanso, local conhecido como Km 40 – Atual São Valentim, para assaltar os migrantes que chegavam do RS com dinheiro vivo, automóveis e utensílios para iniciar a nova frente agrícola e exploração de madeiras, sendo que para isso construíram o Hotel Flor da Serra.

O Flor da Serra de João Pedro, localizava-se no km 40 da rodovia SC 386, hoje km 14 de Iporã. Este hotel, segundo pesquisa da universitária Sirlei Daltoé, desde meados da década 1930 e fins de 1960, muitas pessoas acabaram sumindo do Hotel misteriosamente sem deixar sinal algum. Os crimes estavam relacionados com o proprietário do hotel João Pedro. Segundo a historiografia oral, João Pedro desmanchava os veículos onde as peças maiores eram jogadas em um banhado no fundo da propriedade, e as menores eram colocados em tambores cheios de óleo e posteriormente abriam-se buracos para enterrá-los. João Pedro era um homem de muitas amizades, realizava muitas festas para a alta sociedade da região, e com isso conseguia sempre escapar. A polícia teve muitas ordens para prendê-lo, mas nunca o encontrava sempre era avisado por amigos “maiores”. No momento em que a polícia conseguiu prender o acusado, o mesmo tentou suicídio deferindo dois golpes de faca contra o coração. João Pedro acabou indo a julgamento, e por falta de provas conseguiu sair livre das acusações.

O depoimento do subtenente Antonio João de Mello que participou da prisão de João Pedro e acompanhou o acusado até o quarto, (Relato no processo crime nº 11153, arquivado no Forun de São Miguel do Oeste sob nº 28, s/p:

“Isto pelas vinte horas, quando faziam uma prisão em flagrante do Sr João Pedro dos Santos em companhia do capitão José Manoel Nolasco, na localidade Quilómetro quarenta no município de Descanso, e no momento em que o depoente acompanhava o preso João Pedro dos Santos, que trocavam roupa e quando o mesmo entrava no quarto para pegar mais uma roupa e forros de cama, o depoente ficou na porta e olhando para outro lado do quarto, não viu quando João Pedro dos Santos pegou uma faca que por ali se encontrava, e quando voltou a olhar e prestar atenção para João Pedro dos Santos, o mesmo já tinha se fincado duas vezes no próprio peito, não dando tempo para o depoente tentar qualquer media, para evitar que João Pedro fizesse tal ato, vindo João Pedro cair em cima da cama, caindo a faca ao chão; Que o depoente a mando do seu superior andava junto com João Pedro dos Santos para o mesmo vir para cadeia. Nada mais disse, encerrando o presente que vai devidamente assinado eu escrivão”.

Dando continuidade aos relatos acerca das dificuldades encontradas, as mais significativas dizem respeito ao transporte de pessoas doentes em busca de socorro médico, registros e contato com os parentes na localidade de origem. “Não tinha médico no início da colonização. O mais próximo estava em Porto Feliz, atual Mondaí. Inclusive, aconteceu que levaram as pessoas em macas, a pé e, na viagem, faleceram”.

Os desafios das mulheres eram proporcionais às atividades que exerciam no âmbito familiar, pois enquanto os homens se preocupavam com o escoamento da produção e a busca de auxílio para os feridos, as mulheres ocupavam-se com o registro dos filhos, correspondências e outros problemas domésticos. “Na época, aqui, não tinha correio e tinha de ir a Mondaí, para serem registradas as correspondências.”

Aos poucos os grandes problemas de infraestrutura foram sendo solucionados. Os primeiros moradores, desde os primórdios, preocuparam-se em projetar uma cidade para o futuro. Mas não imaginavam um desenvolvimento tão acelerado. Atualmente o município de SMO está ligado de norte a sul e de leste a oeste, possui rodovias asfaltadas e até aeronaves que podem fazer vôos diários. A modernização encurtou as distâncias e o crescimento superou o velho mundo europeu em vários aspectos.

Depoimento do ex-combatente da Coluna Prestes Ezidro Pires Nardes

Na terça-feira (12), cobrindo a pesquisa desenvolvida pela COOESC (Cooperativa Educacional de Santa Catarina), em parceria com a Associação Recreativa e Cultural Nacional, foi localizado um remanescente da Coluna Prestes. O ex-combatente Ezidro Pires Nardes, nascido em 15 de novembro de 1910, em Lagoa Vermelha – RS, reside em Dionísio Cerqueira junto a sua numerosa família e conta com detalhes sua trajetória a serviço de Luiz Carlos Prestes.

Ingresso na coluna de marcha

Ezidro conta que à época morava com a família nos arredores de Panambi – RS e quando as forças chegaram a mãe escondeu as crianças no mato, mas ao ver o seu pai e dois irmãos serem levados à força se desgarrou da mãe e correu junto ao pai, que aos berros mandou ele voltar. “Eu não ia deixar o meu pai e os irmãos sozinhos numa hora destas”. Disse ele.

Passagem pelo Rio Uruguai

Segundo Ezidro a passagem da tropa e dos apetrechos pelo rio Uruguai foi realizada através de uma barca a motor e muitas canoas. “Havia muitas canoas de cedro e uma com motor” Explicou

O descanso da tropa

O descanso da tropa sempre era à noite e, às vezes, ficava estacionada por vários dias. “Lá eu cuidava dos cavalos e, de vez em quando fazia sentinela. Não se fazia festa, mas matavam uns quatro bois para comer – tinha cozinheiras e até alfaiate – uniforme só para os soldados do Prestes – Lá tinha tudo”. Outras vezes, a gente caçava e por desconhecimento, muitas vezes a gente matava uns bichos muito velhos e, por isso perdi até alguns dentes. Contou ele, apontando para a boca com alguns dentes faltando.

O recrutamento

O recrutamento era feito à revelia e à força ao longo do eixo de progressão. ‘Nóis não era revolucionário, nós era partidário e parente de Getúlio – Eles chegavam nas casas e levavam tudo – homens, mulheres, comida, boi, carroça...

A disciplina

A disciplina era rigorosa, sem festanças e nem bebidas alcoólicas e a indisciplina era punida com castigo físico e até com a morte. “Eu mesmo ainda estou com o lombo duro de tanto apanhar – e os doentes e feridos ninguém dava bola” Exclamou com ar de revolta.

Luiz Carlos Prestes

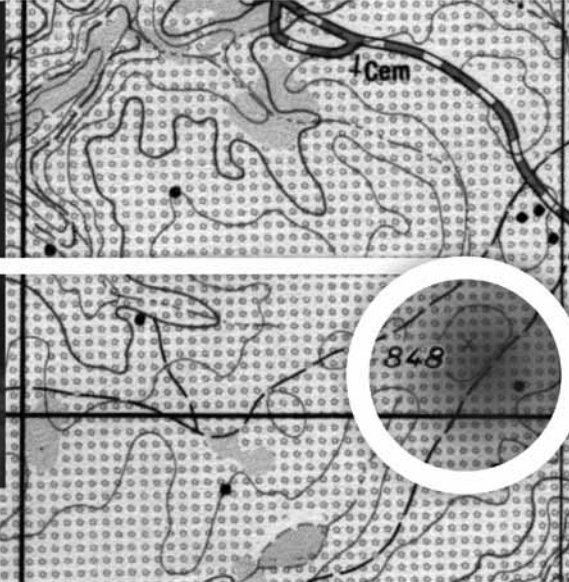
Ezidro disse que Prestes era um homem de baixa estatura, autoritário e corajoso. “Ele não era muito grande, era parecido com o senhor. (repórter do JI) perguntei pra ele se não tinha medo de tantas caveiras extraviadas no mato. E ele respondeu que não tinha medo de nada”.

A batalha de Dionísio Cerqueira

O confronto das tropas comandadas por Luiz Carlos Prestes com as de Claudino Nunes Pereira e Paim Filho deu-se na Serra da Maria Preta em Dionísio Cerqueira. Daquele embate, seu Ezidro não participou e tampouco tem recordações. Mas o confronto de Separação está vivo em sua lembrança e a empolgação no relato dá mostras de que o velho membro da Coluna Prestes tem o episódio muito vivo em sua memória. Seu Ezidro conta que os quatro batalhões da Coluna já estavam em marcha e com uma dianteira de algumas horas enquanto ele e mais outros dois jovens faziam a retaguarda. “Olha, home do céu, de repente o tiroteio começou. Era tiro de um lado e tiro de outro. As balas cruzavam a noite escura e o taquaral estourava dando ainda mais, o jeito de que o mundo tava acabando. Ainda hoje, me pego escutando as bala zunindo nas oreia.... fujimo pelo mato – num lançante até passá por uma sanga. No final de tudo nós tava só em dois, não vimo mais o outro companheiro.” Assim, o velho remanescente daquela aventura resumiu a batalha “às cegas” de Separação.



Claudino N.P.
Comandante da Brigada RS



Na noite de terça-feira, de 24 de março de 1925, os coronéis Claudino Nunes e Paim Filho, dizimaram aproximadamente, 200 combatentes no confronto entre as forças legalistas, da Serra da Maria Preta até a comunidade de Separação.

2.1 Aspectos políticos



Segundo o depoimento dos entrevistados, independentemente de convicções religiosas, partidárias ou filosóficas, os primeiros passos políticos na então Vila Oeste deram-se em torno da união dos primeiros habitantes. Tanto é que os primeiros moradores se

*Leopoldo Olavo Erig – Prefeito
provisório – 1949*



lembram do primeiro candidato a vereador, Leopoldo Olavo Erig, e não do partido ao qual ele pertencia.

A Sociedade dos Amigos de Vila Oeste norteava a política da comunidade em formação. Em 1949, o Dr. Serafim Eros Bertaso, vereador no exercício de prefeito em Chapecó, criou o 15º Distrito de Chapecó denominado São Miguel do Oeste, desmembrando-o do município de Mondaí, onde se chamava Vila Oeste. Para administrar o município era nomeado um intendente, segundo conveniências políticas de Chapecó. O curioso é que os três intendentes do Distrito – João Batista Machado Vieira, Generoso Rodrigues Moraes e Avelino Debona – não foram citados pelos entrevistados desta pesquisa e também não se localizou destaques nessa função, sendo que mais tarde os cargos passaram a ser eletivos.

Em 1953, o 15º Distrito de Chapecó deu um passo importante para a projeção política no cenário estadual: conseguiu a sua emancipação política. Os anseios da população foram atendidos com

a nomeação pelo governo do Estado, do então vereador de consenso, Leopoldo Olavo Erig.

O recém-emancipado município atingiu a democracia plena em 1953, com a eleição do primeiro prefeito, o Sr. Olímpio Dal Magro - entrevistado nesta pesquisa.

Este desbravador, segundo as suas afirmações, não tinha aspirações políticas. Candidatou-se a pedido das colonizadoras e do governo estadual. Conhecedor das dificuldades dos prefeitos que o antecederam, habilmente fez as suas exigências, conforme se observa nas palavras de (OD).

Eu não queria ser candidato, mas o governador era amigo do dono da colonizadora Pinho e Terra e ele me falou: 'Olímpio, você tem de ser candidato'. Quarenta dias antes da eleições. Aí eu disse que aceitava. Mas perguntei: se eu for eleito o senhor me ajuda? - Ajudo! - respondeu ele. - E o que o senhor pode fazer antes? - Não posso fazer nada. - Eu vou pedir um trator para Itapiranga, Mondaí, Dionísio Cerqueira e São Miguel, mas este trator tem de vir antes das eleições. (OD)

O relato acima confirma o poder político das colonizadoras, as quais escolhiam os candidatos e o governador provia os meios que atraíam os votos.

Hoje chamariam isso de uso da máquina do Estado. Naquela época, os meios justificavam os fins. O povo carente de um mínimo de infraestrutura “topava” qualquer proposta que fosse para o bem do jovem município e bem-estar da população.



Recepção ao governador Irineu Bornhauser – 1952

O Sr. Olímpio na condição de prefeito, foi um estrategista não apenas para São Miguel do Oeste, mas também para os municípios vizinhos. As estradas e o telefone de campanha tinham ligações com os municípios do Extremo-Oeste e viabilizava a comunicação com os centros maiores.

No interior tinha telefone perto de cada escola. Para a noite tinha uma extensão no quarto da pessoa responsável. Para quem quisesse telefonar, pagava um mil réis. Conseguimos telefone para todo o município. O padre da Paróquia de Descanso pediu para fazer a ligação com aquela cidade. Com esta ligação, estávamos ligados com Itapiranga, Mondaí e Descanso. (OD)

Na eleição que elegeu o Prefeito Olímpio em São Miguel do Oeste, houve também o voto feminino. Na visão da entrevistada (AA), a importância dos políticos se caracterizava pelo empenho nas atividades sociais que realizavam sem obterem remuneração, ressaltando também o trabalho não-remunerado dos vereadores, de acordo com (AA).

Todo mundo colaborava com os que ganhavam (a eleição). Basta dizer que os vereadores, na época, não ganhavam nada. Eu tinha um cunhado que foi vereador umas quatro ou cinco vezes. Eles não ganhavam ordenados, eram voluntários. Foi uma coisa boa, mas não ganhavam nada por isso. (AA).

A propaganda política era feita com programas de governo, e o que pesava nas eleições era a capacidade de realizar obras para o uso coletivo no município.



Comício na Rua Duque de Caxias

No cenário nacional nessa época, não foi verificada a aversão às ditaduras. Os políticos de prestígio local apoiavam a ditadura de Getúlio Vargas e teciam pesadas críticas à redemocratização do Brasil, após a ditadura militar. A corrupção foi o alvo das críticas por parte de candidatos e eleitores, observa-se que os depoentes demonstram mais um sentimento regionalista e nacionalista do que ideológico-partidário.

2.2 Aspectos econômicos



Serraria manual – 1940

No decorrer do movimento de expansão os aspectos econômicos podem ser observados a partir de três grupos bem distintos: colonizadores, colonos e braçais. Este último era composto tanto por pessoas de origem cabocla quanto européia.

Ao descrever os aspectos econômicos ressalta-se que em 1939 chegou o grupo precursor, vindo de Caxias no Sul - RS, o qual escolheu a sede da comunidade. Em seguida, um ano após, chegaram os colonizadores. Eram grupos de empresários que adquiriam grandes glebas da União e as revendiam aos colonos ou a outras colonizadoras.



Moinho do Stringuini – 1950

Assim formou-se o grupo de elite, pois tratava-se de donos dos meios de produção comercial e industrial, sendo que todos os demais estabeleciam uma relação com este seletivo grupo. Eles eram os proprietários do moinho de moer os grãos, sendo este de vital importância para a alimentação; também eram donos da serraria para serrar a madeira, imprescindível na construção das casas e edificações

necessárias para a implantação da pequena propriedade rural e, finalmente, detentores dos meios de transporte, do ensino, da assistência médica e do principal: a terra.



Bar Farroupilha & comércio em geral – Esquina da Santos Dumont com a 7 de Setembro – 1940

O segundo grupo, o dos colonos, veio em busca da terra “boa e barata”. Devido ao empobrecimento causado pelo desgaste das terras dos locais de origem, a economia dos colonos só dava para adquirir uma colônia de 22 hectares em média. Destes hectares tiravam o sustento para a família e ainda tinham de economizar para “melhorar de vida”.

O terceiro e menos privilegiado grupo, na maioria caboclos, não possuía economia alguma para adquirir a “terra boa e barata”. Por isso

vendiam a sua mão-de-obra por 40,09 cruzeiros por semana ou 8,00 cruzeiros por dia trabalhado, enquanto o Dr. Ferraz percebia 4.000,00 cruzeiros por mês.

A primeira e principal fonte de renda era a madeira, explorada pelo grupo de elite. Em relação aos aspectos econômicos destaca-se a seguir a opinião dos entrevistados OD e ENS:

ES - Quais foram os primeiros empregos em SMO?

OD - A primeira fonte de renda em SMO era a madeira. Nós passamos necessidades antes da enchente; e a última foi em 43. E quando deu a enchente, levou a maior parte da madeira que estava no rio. E não tinha mais dinheiro para custear. Foram buscar madeira na ponte de Uruguaiana, neste meio tempo, para poder se sustentar, porque tudo dependia da firma. Então as firmas trabalhavam com madeira e construção de estradas para depois nos dar lucro com o transporte da madeira. Abrimos a estrada até Dionísio Cerqueira, que ligava com Bernardo Irigoya e Porto Iguaçu; 118 km no mato. Eu fui como administrador da colonizadora.

O grupo dos colonos explorava a cultura de subsistência. O Sr. Enéas esclarece os detalhes das dificuldades enfrentadas por eles:

ES - Como os suínos chegavam a Ponta Grossa no Paraná?

ENS - No início era em tropa - era suíno de safra. O safrista derrubava 30 a 40 alqueires de mato, plantava o milho, tocava os porcos dentro - que estavam numas mangueiras - e lá os suínos se alimentavam por conta, e quando estavam mais ou menos prontos, eram arrebanhados e tocados.

ES - O suíno resistia à caminhada até Ponta Grossa?

ENS - Resistia porque ele já estava treinado no meio das roças. Ele não dava banha, ele dava

granito. Não era feita a pesagem, e sim medido. Era por centímetro.

O método rudimentar de características feudais estava vivo na memória dos colonos para produção de grãos e a criação de animais. A forma como praticavam a suinocultura nesta época, explica a situação de pobreza e carência de tecnologia em que o imigrante europeu se encontrava na Europa, antes de migrar para o Brasil.

A família da Sra. Aneide Anoni deu início à criação de gado, com cento e vinte cabeças em 100 hectares de pastagem. Com a escassez de moeda corrente, isso era um grande negócio, pois os colonos que deram continuidade à imigração necessitavam de animais de tração e de vacas para o leite. Cada colono que chegava das velhas colônias do planalto meridional era possuidor de alguma economia. Estavam cientes das necessidades e, portanto, vendiam a velha propriedade gaúcha por dez vezes mais que pagavam pela que compravam em SMO. Com o excedente adquiriam os animais, ferramentas, pagavam a serragem da madeira, a moagem no moinho, bem como saldavam todas as despesas necessárias para a constituição do novo lar. Cada colono que chegava representava mais dinheiro circulando na praça.

Mesmo trazendo benefício para ambas as partes, a criação de gado não era bem-vinda, tendo em vista a não necessidade de adquirir carne nos açougues. Esta carne de açougue era facilmente substituída pela caça e a pesca que era muito expressiva na região. A terra fértil, na visão dos colonos, tinha um fim único: a plantação da agricultura de subsistência. “Formamos uma granja de gado, um fato curioso na época é que as pessoas reclamavam muito, porque as terras são boas para plantar.”

O terceiro grupo, o dos assalariados, não tinha oportunidade de fixar residência na localidade. Trabalhavam como agregados e arrendatários dos donos das terras e do capital. Percebendo 40,00 cruzeiros por semana e meia colônia de terra sendo comercializada a

12.050,00 cruzeiros, a metade paga no ato da compra e o restante em seis meses, excluía-se o assalariado de qualquer pretensão de possuir uma pequena propriedade rural.

Na ocasião da pesquisa não foi encontrado nenhum caboclo, entendido aqui como sujeito constituído pela miscigenação de negros e indígenas, para registrar a versão desse grupo sobre a colonização. A estratificação social se faz presente no princípio da constituição das localidades, pois:

A divisão do trabalho e a posição que cada indivíduo ocupa no mundo da produção, estabelecem as verdadeiras distinções sociais que por sua vez traduzem-se em desigualdades entre as pessoas e os próprios grupos. (DMITRUK ORTIZ, 1989, p. 25).

A afirmação presente na citação acima traduz de alguma forma o sistema de trabalho imposto pelas colonizadoras em SMO. Os três grupos econômicos que aqui se desenvolveram ainda persistem. O grupo da elite, o das colonizadoras, apropriou-se do comércio e da indústria. Os colonos, com muita dificuldade, mantêm a sua pequena propriedade rural. Enquanto que o terceiro grupo, o de maioria cabocla, é nômade devido às dificuldades de sobrevivência, compõe o enorme contingente de mão-de-obra barata.

ES - Qual era a especialidade do caboclo?

ENS - Fazer roça, derrubar mato, algumas ervas-mate. Muitos iam até El Dourado, na Argentina, cortar erva para fazer alguns trocados.

ES - Afinal, qual era a importância do trabalho dos caboclos na visão dos colonos e colonizadores?

- Não era muita, porque não se davam muito com o serviço e não tinham especialização. Não tinha muito caboclo (ENS).

- Eu acho que, na época, eles trabalhavam bem, porque essas firmas só tinham esta gente para trabalhar, porque os outros eram colonos que vinham para trabalhar na colônia.(AA).

- A importância era a sobrevivência deles, porque o ganho daqui, trabalhavam para o sustento de suas famílias e para os velhos. Levavam daqui para o Rio Grane do Sul. (OD).

Podemos observar que há uma semelhança de visão entre os entrevistados. O de origem alemã(ENS) ou italiana(OD e AA), quando faz uma reflexão sobre o caboclo, lembra-se das derrubadas, do corte da erva-mate e da construção das estradas. Este não foi lembrado nas relações sociais, no entanto, havia um bom relacionamento entre brancos e caboclos durante as penosas jornadas de trabalho, visando garantir a sobrevivência dos caboclos é o que este fez para aquele em troca de sua mão-de-obra não qualificada.

2.3 Ambiência social

A organização comunitária é uma característica presente na grande maioria das povoações brasileiras, juntamente com edificação das casas, galpões e estabelecimentos comerciais eram edificadas Igrejas com predominância da Confissão Católica, fruto da presença dos Padres Jesuítas e mais tarde com a sua expulsão em 1759, intensificava-se a presença das demais confissões religiosas em todo país. Na então localidade “Vila Oeste” fato semelhante se repete no ambiente social com a construção da Igreja Católica.

Ao perguntar ao entrevistado a respeito do lazer nos finais de semana, (OD) responde: Era futebol, cartas, algum baile; coisas normais.

Futebol, cartas, bailes e a missa proporcionaram a integração social

na formação da comunidade de SMO. Esta ação coletiva desenvolveu o espírito de cooperação e a solidariedade humana nessa localidade em formação. Foi verificado um bairrismo extremo na defesa dos líderes políticos, uma vez que todos votaram em Leopoldo Olavo Erig e no líder religioso, Padre Aurélio Canzi.



Padre Aurélio Canzi a direita e os colonizadores Valdemar Rangrab e Ernesto Ghil recebendo a visita de padres missionários

Quando o padre teve as suas aspirações e atividades religiosas limitadas pelo seu superior hierárquico, D. José Comes, Bispo de Chapecó, foi considerado por seus paroquianos como um injustiçado, fato que pode ser comprovado mediante a opinião da entrevistada: “A perseguição do Bispo D. José Comes era muito grande. E talvez o Padre não tivesse a sua vida abreviada, porque o sentimento faz a pessoa decair.” (AA)



Dom José Gomes - Bispo de Chapecó

O Padre Aurélio Canzi norteava a vida social, não só na comunidade miguel-oestina, mas em toda a região Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná. As suas histórias ainda permanecem vivas na memória dos primeiros moradores: “Quando não havia médico, principalmente quando houve a febre do tifo aqui, ele foi um médico para nós...” (AA)

O poder de decisão sobre eventuais problemas sociais também era conferido ao padre. Inclusive decidia sobre o nome das comunidades, cujo nome definitivo surgia, às vezes, de forma folclórica e por acaso. Foi citado, como exemplo, a origem do nome do distrito de Canela Gaúcha, segundo(AA).

Que era Canela Furada, lugar de pouso. E na hora dos caras pousarem, a canela servia de alvo para o tiro. Mas, como o chumbo era bastante raro, foram tirando com o facão o chumbo. Essa canela furou de lado a lado e ficou o nome (do distrito) Canela Furada. Mais tarde foi colonizada e os rapazes da cidade foram namorar por lá. Quando voltavam eram interrogados pelas moças da cidade, de onde eles tinham vindo? Da furada, respondiam os rapazes. As moças perceberam a malandragem e foram queixar-se ao Padre Aurélio. O dito padre resolveu o problema no momento: Agora não é mais Canela Furada, agora é Canela Gaúcha!

O namoro era seguido de casamento. “Até que a morte os separava” (AA). Havia um esquema para evitar a conjunção carnal, antes da autorização do padre, que era dada por ocasião do casamento:

No meu tempo, uma guria para sair com o namorado, sozinha, só se estivessem noivos. Hoje saem para qualquer lado, e vão sozinhos. (OD)



CTG – Porteira Aberta 1947

Para os homens não havia carência de lazer, havia o futebol, as cartas, as caçadas e os bailes supriam as necessidades do divertimento. Por outro lado, as mulheres não se contentavam somente com os raros bailes. Sentiam saudade da velha colônia que possuía uma estrutura mais diversificada de atividades sociais.



Lazer – Carnaval de rua – SMO

A gente não tinha mais escola, não tinha igreja. A gente sempre foi muito católica. Não tinha divertimento. É que a gente era acostumado a ir em teatro, essas coisa de criança. E aqui não tinha mais nada disso. Então a gente se reunia em casa, entre as famílias e fazia os teatrinhos. Era a única coisa que fazia passar o tempo, mas era divertido e a gente se acostumou. (AA)

Se, por um lado, o lazer era deficiente para as mulheres, o trabalho não o era, pois além dos afazeres domésticos, trabalhava de igual para igual com o marido, na lavoura. Havia uma necessidade de produzir o máximo para suprir e consolidar a pequena propriedade rural.

Na agricultura, a mulher trabalhava como homem. Não era obrigada, era uma necessidade para melhorar de vida. (OD)

2.4 Transformações ambientais

Mata, pinheirais, animais selvagens, terra fértil e dois pequenos rios – o das Antas e o Peperiguaçu. Este era o quadro natural encontrado pelos desbravadores, que alimentavam as esperanças de um futuro melhor.

Os agricultores extraíam da mata o cedro, madeira nobre muito procurada pelos balseiros devido ao seu grande valor comercial e por flutuar bem nos rios, o que facilitava o transporte pelas hidrovias até Buenos Aires - Argentina. A cabriúva e a canjerana eram utilizadas para fazer o piso das casas. O ipê-roxo e o amarelo – árvore símbolo do Brasil – serviam para fazer mourões de cerca e cepos de sustentação das casas ou máquinas estacionárias. A extração da madeira era o objetivo maior dos colonizadores. Esta recebia um tratamento especial e era serrada na região, carregada em caminhões e transportada até os locais de comercialização. Os países desenvolvidos eram os principais consumidores. O pinheiro era monopólio das colonizadoras, como também o pau-brasil. Na aquisição da terra, o comprador recebia dez pinheiros e o restante era reservado.

Em épocas anteriores ao comércio da madeira, as terras que possuíam pinheiros eram mais baratas.

ES - Sobre a extração da madeira, o senhor teria mais alguma colocação a fazer?

OD - Eu digo o seguinte: foi o começo da colonização. Quem começou a colonização foi o pessoal do Rio Grande. Começaram a exportar madeira no rio das Antas. O começo foi a extração da madeira. A colonização veio depois.

ES - Na sua opinião, o dinheiro gerado pela extração da madeira ficou em SMO?

OD - Olha, a maior parte levaram embora. Umás (colonizadoras) faliram, e umas ficaram e outras foram embora.

ES - Quais as firmas que ainda se encontram em SMO? E se beneficiaram com isso?

OD - Era a Barth & Anoni, que hoje não existe mais. Foram embora todos. O rio das Antas e o Peperiguaçu, pequenos afluentes da margem direita do rio Uruguai, serviam como hidrovias de escoamento da madeira. Aos poucos, com a abertura das estradas e a pesca à dinamite, perderam a sua importância.

ES - E como era feita a caça?

OD - Esporadicamente. Ninguém era caçador. Só que aqui tinha, na área urbana, tateto, anta; apareciam os veados, porcos-do-mato e outros que apareciam. Esporadicamente alguém ia caçar.

ES - Qual o prejuízo que o desmatamento trouxe para SMO?

OD - Eu não vi nenhum prejuízo, foi o progresso de São Miguel. Porque, se não fosse o desmatamento, como ia desenvolver? Mato não desenvolve.

ES - Qual a importância dos balseiros para a população?

OD - Para a população não tinha importância. O balseiro ganhava 100,00 cruzeiros por semana.

ES - A extração dessa madeira, que era extraída aqui em SMO, descia pelo rio das Antas, rio Uruguai e pelo Peperiguaçu?

OD - Pelo Peperiguaçu, era outra firma que cortava madeiras roliças e exportava por lá.

A caça era considerada uma ação comum entre os habitantes

por ter a finalidade de servir como alimentação, proteção de alguns animais agressivos e até mesmo como uma forma de lazer na qual os animais selvagens foram abatidos até praticamente a sua extinção. A caça predatória era realizada por “lazer” e como complemento alimentar. Além da caça predatória, também havia a pesca indiscriminada, usando inclusive a dinamite para exterminar a traíra, a piava, o dourado e outros. De acordo com OD:

A pesca era feita à dinamite, muitos perderam as mãos. A caça predatória, pegavam a caça e tiravam um pedaço e o resto ficava no mato apodrecendo.

A pesca com a dinamite consiste em detonar um explosivo submerso. O efeito desta prática é devastador e muito perigoso, o que não a torna recomendável. Tudo o que tem vida é atingido pela explosão, e se o manipulador do explosivo não for um perito, ou ocorrer um descuido qualquer, a explosão poderá atingir fatalmente o cruel pescador. O princípio de funcionamento da dinamite é a transformação violenta da matéria sólida em gás.

Na Linha Santa Ana – Santa Helena – No início dos anos 60 uma onça pintada aterrorizava a família Bonora e vizinhança. O felino atacava os animais domésticos e deixava as pegadas nas proximidades da residência. Um certo dia o José estava arando a terra e a onça se aproximou perigosamente dos bois, foi então que o Sr. Pelegrino decidiu carregar a espingarda com baletão (chumbo grosso) e abater o perigoso animal.



Da Esquerda p/ direita: José, Celestina, Salete, Cacilda, Pelegrino (in memorian), Luiz, Lurdes e Vilma.

Ao perguntar sobre caça e pesca ao Senhor Enéas se ele tem saudade destes animais?

ENS - Sinto, porque no meu terreno, cá ou lá, visitavam a lavoura. Eu não tinha arma. O bichinho se assustava, entrava e saía para o rio. Tanto a cotia vinha para o terreiro, jacu velho, tateto. O tateto vinha comer pinhão. *Ouvia ele estalar os dentes.*

Entre os animais selvagens mais temidos estava a onça que já havia atacado os animais domésticos e o medo é que devorassem as crianças, por isso a família Bonora e vizinhos se uniram para abater a dita cuja.



Onça abatida nos anos 50, da esquerda João Bolsoni e Pelegrino Bonora. Foto Plácido Gavioli.

Em nome do desenvolvimento, as agressões à natureza não tinham limites. Os animais selvagens, os peixes e as árvores milenares foram praticamente exterminados. Na atualidade os hábitos são outros a pesca predatória está sendo substituída pela piscicultura onde se reproduz os peixes em açudes e já não se pesca à dinamite. Para substituir a madeira de lei, plantam o pínus americano, o eucalipto, a erva-mate e algum raro reflorestamento de araucárias. Ainda sobre a caça pergunta-se:

ES - Compensou a caça predatória?

ENS - Pelo alimento? Perdiam mais tempo que se ficassem trabalhando.

Podemos perceber que de modo geral a caça era um lazer e não uma necessidade de sobrevivência. Faltou orientação e conscientização aos primeiros moradores. Os imigrantes não tinham noções sobre a

preservação e conservação do solo, o qual era usado inadequadamente até o seu completo esgotamento.

Na época feudal, a fome era uma constante, e tiveram de se empenhar nas cruzadas, saqueando alimentos sob o pretexto de propagar o cristianismo. Na transição do feudalismo para o capitalismo, a fome rondava os lares europeus.

Até 1860, a Alemanha exercia essencialmente atividades primárias e, a cada colheita malsucedida, a fome forçava milhares de agricultores a procurarem outras alternativas (LANDO, 1980, p. 67).

Após a consolidação da colonização no Rio Grande do Sul, o fantasma da fome voltou e novamente desalojou grandes contingentes populacionais para as colônias novas. “No Rio Grande do Sul a terra era fraca, não conheciam adubo e tinha formiga.” (OD).

Com isso, podemos concluir que as agressões à natureza, ao longo da história, foram penalizadas com a fome. A tecnologia minimizou a fome com os avanços da genética, a produção de fertilizantes e defensivos agrícolas. Mas possivelmente “só Deus sabe”, e não fala, como as agressões à natureza serão penalizadas no próximo milênio. É preciso ter isso presente, porque como ENS lamentou, nos primeiros tempos de São Miguel do Oeste: “Muito poucos se deram conta do que podia sobrar para mais tarde”.

4

Considerações finais

Os incentivos oferecidos aos colonizadores para aquisição de terras contribuíram para que estes consolidassem a pequena e a média propriedade rural no Sul do Brasil. Porém, o sucesso do sistema deve-se mais ao trabalho árduo e metódico dos colonizadores do que ao incentivo propriamente dito. Os imigrantes souberam transpor os obstáculos trabalhando e não desistindo diante das adversidades. De acordo com LANDO:

Se a mesma forma de empreendimento tivesse sido adotada em relação aos luso-brasileiros e aos escravos libertos, estes não teriam enfrentado, como enfrentaram, o grave problema de exclusão da sociedade brasileira (LANDO, 1980, P. 67).

As evidências apontam que o êxito teria sido semelhante, desde que o luso-brasileiro e o escravo se sujeitassem ao sistema. Não é apenas com a aplicação de um determinado sistema que se desenvolve um segmento da sociedade. São necessários considerar as variáveis como o empenho e a atribuição de responsabilidades para as partes envolvidas no processo, bem com questionar os méritos do imigrante europeu não vai resolver e nem remediar a situação atual.

Não se trata apenas oportunidade, existem vários assentamentos que, segundo as fontes levantadas nesta pesquisa, têm mais incentivos e assistência que os colonos do século passado, no entanto não conseguiram o mesmo êxito. Neste sentido, salienta-se que, caso as teorias das oportunidades estiverem corretas, no futuro teremos grandes cidades e grandes produções nas regiões dos assentamentos, como as cidades de origem colonizadora.



Ezidro Nardes – Participante da Coluna Prestes

Revolta

COOESC e JI localizam remanescente da Coluna Prestes

Dionísio Cerqueira
Na terça-feira (12), cobrindo a pesquisa desenvolvida pela COOESC (Cooperativa Educacional de Santa Catarina), em parceria com a Associação Recreativa e Cultural Nacional, foi localizado um remanescente da Coluna Prestes. O ex-combatente Eizdro Nardes, nascido em 15 de novembro de 1910, em Lagoa Vermelha -RS, reside em Dionísio Cerqueira junto a sua numerosa família e conta com detalhes sua trajetória a serviço de Luiz Carlos Prestes.

Ingresso na coluna de marcha

Eizdro conta que à época morava com a família nos arredores de Panambi -RS e quando as forças chegaram a mão escondeu as crianças no mato, mas ao ver o seu pai e dois irmãos serem levados à força se desgarrou da mãe e correu junto ao pai, que aos berros mandou ele voltar. "Eu não ia deixar o meu pai e os irmãos sozinho numa hora destas". Disse ele.

Passagem pelo Rio Uruguai

Segundo Eizdro a passagem da tropa e dos apetrechos pelo rio Uruguai foi realizada através de uma barca a motor e muitas canoas. "Havia muitas canoas de cedro e uma com hora de explicou

O descanso da tropa

O descanso da tropa sempre era à noite e, às vezes, ficava estacionada por vários dias. "Lá eu

cuidava dos cavalos e, de vez em quando fazia sentinela. Não se fazia festa, mas matavam uns quatro bois para comer - tinha cozinheiras e até alfaiate - uniforme só para os soldados do Prestes - Lá tinha tudo". Outras vezes, a gente caçava e por desconhecimento, muitas vezes a gente matava uns bichos muito velhos e, por isso perdi até alguns dentes. Contou ele, apontando para a boca com alguns dentes faltando...

O recrutamento

O recrutamento era feito à revelia e à força ao longo do eixo de progressão. "Nós não era revolucionário, nós era partidário e parente de Getúlio - Eles chegavam nas casas e levavam tudo - homens, mulheres, comida, boi, carroça...

A disciplina

A disciplina era rigorosa, sem festas e nem bebidas alcoólicas e a indisciplina era punida com castigo físico e até com a morte. "Eu mesmo ainda estou com o lombo duro de tanto apanhar - e os doentes e feridos ninguém dava bola" Exclamou com ar de revolta.

Luiz Carlos Prestes

Eizdro disse que Prestes era um homem de baixa estatura, autoritário e corajoso. "Ele não era muito grande, era parecido com o senhor. (repórter do JI) perguntei pra ele se não tinha medo

de tantas caveiras extraviadas no mato. E ele respondeu que não tinha medo de nada".

A batalha de Dionísio Cerqueira

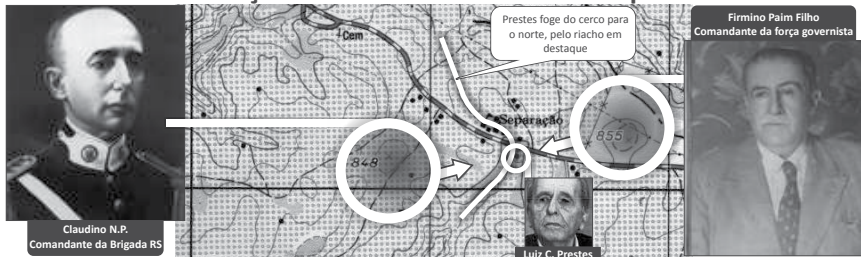
O confronto das tropas comandadas por Luiz Carlos Prestes com as de Claudino Nunes Pereira e Palm Filho deu-se na Serra da Maria Preta em Dionísio Cerqueira. Daquele embate, seu Eizdro não participou e tampouco tem recordações. Mas o confronto de Separação está vivo em sua lembrança e a empolgação no relato dá mostras de que o velho membro da Coluna Prestes tem o episódio muito vivo em sua memória. Seu Eizdro conta que os quatro batalhões da Coluna já estavam em marcha e com uma dianteira de algumas horas enquanto ele e mais outros dois jovens faziam a retaguarda. "Olha, homem do céu, de repente o tiroteio começou. Era tiro de um lado e tiro de outro. As balas cruzavam a noite escura e o taquaral estourava dando ainda mais, o jeito de que o mundo tava acabando. Ainda hoje, me pego escutando as balas zunindo nas orelhas... fujo pelo mato - num lance até passá por uma sanga. No final de tudo nós tava só em dois, não vim mais o outro companheiro." Assim, o velho remanescente daquela aventura resumiu a batalha "às cegas" de Separação.

O Retorno

Eizdro perdeu o pai e os irmãos em combates durante a marcha e foi um dos que se desligou da Coluna em Barracão. Aproveitou a permissão dada para alguns comandados e voltou à terra de origem no Rio Grande do Sul. Perguntado de como sobreviveu no percurso, ele disse que estava com seu companheiro e caçavam, mas que perderam as armas pelo caminho quando foram perseguidos por uma onça preta e ficaram sem rumo. Enfim sobreviveu e mais tarde, voltou para o Oeste de Santa Catarina para fixar residência.



Ilustração da batalha de Dionísio Cerqueira



Na noite de terça-feira, de 24 de março de 1925, os coronéis Claudino Nunes e Palm Filho, dizimaram aproximadamente, 200 combatentes no confronto entre as forças legalistas, da Serra da Maria Preta até a comunidade de Separação.

CONVITE

Essa você não pode perder!

Assista a uma aula de inglês ou espanhol no CCAA e descubra por que o CCAA é o maior curso de idiomas do Brasil

DESEJA aprender espanhol para acrescentar um diferencial ao currículo.

QUER se sentir seguro, autoconfiante em situações que exijam o domínio do inglês e do espanhol,

SABE QUE, para alcançar o sucesso profissional e financeiro, é preciso ter inglês fluente,

ESTÁ BUSCANDO experiência de vida e cultura para seu enriquecimento pessoal

Agende sua aula demonstrativa! Matrículas abertas.

Início das aulas em agosto.

ENTÃO APRENDA NO

Rua Santos Dumont, 543 - Fone 49 3621-2155

Entrevista com Isidro Nardes sobrevivente da Coluna Prestes

O povoamento de SMO foi realizado com o “sangue, suor e lágrimas” de brancos e caboclos. A região era desprovida de condições mínimas de saneamento e assistência necessária, para a dignidade de vida. Tinha apenas como referência uma trilha que os guiava para a “terra boa e barata” – a trilha da Coluna Prestes. Esta coluna passou pela região como uma praga de gafanhotos, saqueando e devorando o pouco alimento existente. Afugentaram, mataram e aprisionaram os caboclos e raros colonos que já estavam estabelecidos na região. Quando chegaram os primeiros moradores a SMO, apenas encontraram vestígios e algum sobrevivente que relatava o medo e o terror que o grupo guerrilheiro semeou por onde passou. A trilha da coluna servia como referência para ligar o povoado miguel-oestino a vilarejos próximos. A colonizadora, com o braço forte do colono e do caboclo, construiu a estrada, a atual BR-163, a picão, a machado e à foice, ligando a então Vila Oeste a Dionísio Cerqueira.

O desenvolvimento econômico era sustentado, inicialmente, pela madeira e, posteriormente, pela produção agrícola. Primeiro, a madeira era escoada pelos rios das Antas e Peperiguaçu, até o rio maior, o Uruguai, onde era embalsada e seguia até São Tomé na Argentina. Lá havia um comércio e eram formadas as balsas gigantescas que deslizavam rio abaixo até os portos do rio da Prata. A última etapa era a exportação para os principais países do mundo.

Posteriormente, devido à seca e à alternância das cheias do rio Uruguai, desproporcional em relação a seus afluentes, a madeira passou a ser serrada no local e transportada com caminhões, pelas estradas abertas a picão. Deste modo, minimizavam-se as perdas.

O atendimento médico não era precário, era inexistente. Uma das alternativas encontradas pela família Anoni foi solicitar, com êxito, o curandeiro da tribo dos Kaingang. Outros levavam os doentes de maca improvisada até Mondaí. Muitos enfermos não resistiram e vieram a falecer a caminho do recurso. As cruzes indicando sepulturas ao longo

da via de acesso a Mondaí eram uma constante. Ainda hoje há vestígios.

O ensino foi praticado pela Sra. Anoni, que transmitiu todos os seus limitados conhecimentos para os filhos dos colonos.

A união do povo em torno da política foi de vital importância para as conquistas das obras públicas. O voto de consenso para um candidato a vereador reuniu as principais forças com o intuito de conscientizar as autoridades regionais e estaduais para assistirem o Extremo-Oeste de SC que, até então, era somente assistido pela iniciativa privada.

... Estes construíram uma frente de expansão, no sentido de assegurar a sua reprodução na condição de pequenos produtores, e aliaram-se à fronteira agrícola constituindo um campesinato étnico. (RENK, apud DMITRUK ORTIZ, p. 28)

Observou-se, nesta pesquisa, que os colonos não tinham alternativa de alienação ou ponto de apoio. O Estado começou a interferir nos assuntos do povoamento quando apareceu a fonte política e econômica. Portanto, onde não há Estado forte, as teorias marxistas não se aplicam e nem se cogita a sua aplicabilidade. Marx escreveu estas teorias em outra época, para um povo homogêneo e um Estado unificado, a Alemanha. O político colonizador pensava como caudilho, e não como socialista.

O suporte econômico, a madeira, movimentava o numerário de grandes grupos, principalmente multinacionais. Desbravaram o Extremo-Oeste indiscriminadamente e aplicaram os recursos nos grandes centros do Brasil e do exterior. Tudo abençoado pelo padroeiro São Miguel Arcanjo.

Com as migalhas deixadas pelos colonizadores, o povo miguel-oestino construiu uma cidade que atende aos propósitos da atualidade.

A criatividade e a perseverança proporcionaram a satisfação pessoal, e o orgulho e a força de vontade superaram os obstáculos que se

apresentaram diante deste aguerrido povo.

Finalizando, cabe destacar que as pesquisas no Oeste catarinense precisam continuar. Foram constatados nesta pesquisa dois assuntos polêmicos, dos quais pouco é conhecido e não estão inseridos na historiografia.

A trilha deixada pelos guerrilheiros de Prestes foi seguida pela colonização. Em toda a sua extensão existem, atualmente, cidades em desenvolvimento, ligadas entre si pela BR-163, que margeia o ocidente brasileiro. Ao longo da trilha ainda existem vestígios, e no Rio Grande do Sul existem pessoas que participaram da passagem pela região Oeste do Brasil. Portanto, é viável uma pesquisa para resgatar e aproximar a História do real. Também, segundo as fontes desta pesquisa, havia uma população rarefeita antes da passagem da Coluna Prestes e este período não está registrado na historiografia.

Outra questão polêmica é a linha telegráfica existente em Dionísio Cerqueira. Em 1940, a linha encontrava-se desativada e parte dos fios levados. Suspeita-se que esta linha foi usada durante a Guerra do Paraguai e que fora usada pelas tropas federais. Portanto, pesquisar esta linha telegráfica seria aproximar a História do oeste catarinense do real e inseri-la no contexto nacional. Inúmeras são as questões que merecem estudo. Alunos e professores de História têm um campo vasto e muitas tarefas a realizar. Aos poucos, vamos avançando neste sentido.

Referências Bibliográficas

1. BELLANI, Eli. Balsas e Balseiros no Rio Uruguai (1930 – 1950). **Cadernos do CEOM**. Chapecó, FUNDESTE, 3 (4)1988.
2. CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.
3. DMITRUK ORTIZ, Hilda Beatriz. **Manual de orientações para pesquisa, coleta e registro da memória sócio-cultural do Oeste catarinense**. Chapecó, FUNDESTE, 4 (2) 1989.
4. FRIDERICHES, Padre Edvino. **Os três mártires Rio-grandenses**. 1. ed. - Volume 1 - Livraria Selbach Porto Alegre. 1951.

5. HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias na sociologia**. 3. ed. São Paulo: Vozes, 1982.
6. LANDO, Aldair M. & BARROS E.C. RS. **Imigração & colonização**. Mercado Aberto: Porto Alegre - RS, 1980.
7. Lei nº 514 de 28/10/1848, Art. 16 In: **Coleção das Leis do Império**. Tipografia Nacional, 1949, Tomo 10, parte 1.
8. WILLEMS, Emilio. **Assimilações e populações marginais no Brasil**: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes. São Paulo: Nacional, 1940.

Fontes



Entrevistas:

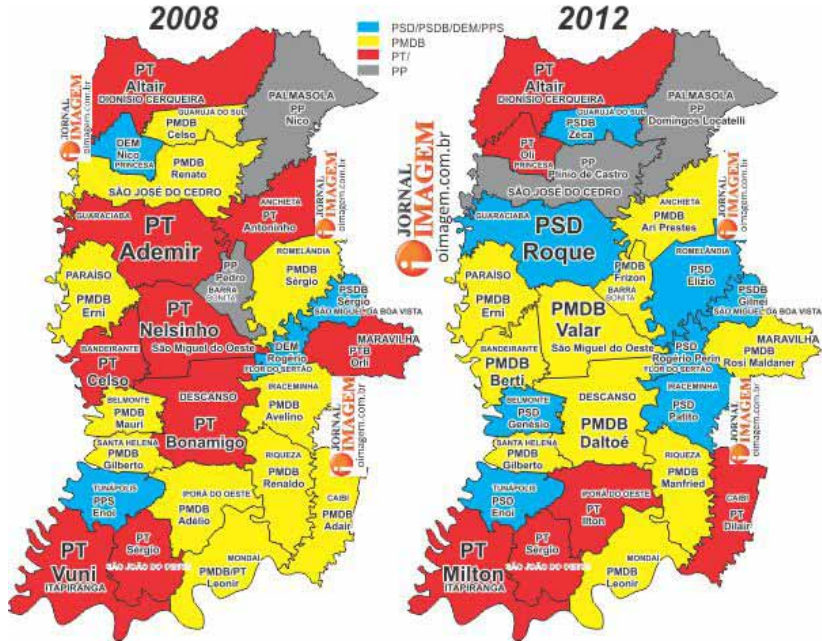
1. ANONI, Aneide. Entrevista concedida a Euclides Staub. São Miguel do Oeste, 14 ago/96.
2. DAL MAGRO, Olímpio. Entrevista concedida a Euclides Staub. São Miguel do Oeste, 14 out/ 96.
3. SCHERER, Enéas. Entrevista concedida a Euclides Staub. São Miguel do Oeste, 25 junho/ 95.

Anexas



- A – Mapa das Eleições de 2012
- B – Entrevista Realizada Com (Ens)
- C – Entrevista Realizada Com (Aa)
- D – Entrevista Realizada Com (Od)

A – Mapa das eleições de 2012





ENTREVISTA 1

Entrevista realizada com o Sr. Enéas Scherer, por Euclides Staub, às 16 horas, na residência de Euclides Staub, na Avenida Willy Barth nº 836, na cidade de São Miguel do Oeste - SC, no dia 25 de junho de 1995.

Enéas Scherer – colonizador e fonte de informação desta obra

I – DADOS DO ENTREVISTADO

ES – Qual é o seu nome completo?

ENS – Enéas Scherer, nascido em 13 de maio de 1923.

ES – Qual é o nome da cidade em que o Sr. nasceu?

ENS – Arroio do Meio – Rio Grande do Sul.

ES – Nome de seus pais?

ENS – Alexandre Scherer e Beta Schnack.

ES – Como é o nome de sua esposa?

ENS – Maria Luiza de Roz Sherer.

ES – Qual o nome de seus filhos?

ENS – Elci, Leomar, Paulo, Delocir Gilberto, José Luiz, Enoir Guilherme, Vicente, Ivan Roberto, Neusa e Bete.

ES – Sobre as profissões, quais as que o senhor desempenhou?

ENS – Comerciante, abridor de rua e agricultor.

ES – Quais as escolas que o senhor frequentou?

ENS – Escola pública, primária e escola particular.

ES – Qual foi a mais importante?

ENS – A escola particular.

ES – Por quê?

ENS – O ensino era mais abrangente e, também, lecionavam alemão.

ES – Qual a localização dessas escolas?

ENS – Na localidade de Passo da Estrela – Lajeado, Rio Grande do Sul.

II – HISTÓRIA DO POVOAMENTO LOCAL

ES – Quem eram os primeiros moradores de São Miguel do Oeste?

ENS – Francisco Ferraz, Querino Andreta, Garibalde Toral, Reinaldo Pimentel e vários outros.

ES – De onde eles vieram?

ENS – O Reinaldo Pimentel veio de Chupinzinho - PR, e os outros todos do Rio Grande do Sul.

ES – Por que eles vieram?

ENS – Dadas as dificuldades econômicas, vieram para melhorar a situação financeira.

ES – E o senhor, por que veio?

ENS – Não tinha onde parar, era órfão. Também querendo melhorar de vida.

ES – E melhorou de vida após a chegada?

ENS – Imensamente.

ES – Em que sentido?

ENS – A parte financeira.

ES – Como conseguiu o primeiro dinheiro?

ENS – Trabalhando.

ES – Em quê?

ENS – Desbravando a mata, abrindo estradas a picão.

ES – Estas estradas ligavam quais cidades?

ENS – São Miguel do Oeste a Dionísio Cerqueira.

ES – Como abriam estas estradas?

ENS – Trabalhando junto com os companheiros, escavando, roçando e derrubando as árvores para dar passagem.

ES – Quais eram as ferramentas?

ENS – Picão, enxada, pá e machado.

ES – Tinha índios na região?

ENS – Não existia.

ES – E caboclos?

ENS – A maioria.

ES – A maioria cabocla, eles ajudavam?

ENS – Sim. Também queriam ganhar alguns trocados.

ES – E eram bem aceitos?

ENS – Eram bem aceitos, sim.

ES – Quem coordenava os trabalhos?

ENS – O Pedro Malmann, antigo inspetor de quarteirão do povoado.

ES – Eles trabalhavam para quem? Quem os pagava?

ENS – A firma colonizadora Barth & Anoni.

ES – A firma patrocinava a construção das estradas?

ENS – Certo.

ES – Quanto tempo levaram para abrir esta estrada?

ENS – De novembro de 43 (1943) até fins de 44 (1944).

ES – Quais eram as principais dificuldades enfrentadas para abrir estas estradas?

ENS – Não existia tanta dificuldade, propriamente tinha de usar a força braçal para ir para a frente.

ES – Havia alguma diferença de salário do caboclo em relação ao branco?

ENS – Não, a diferença dependia da função da turma. O capataz recebia um ordenado, o machadeiro recebia outro, e os mais inferiores um pouco menos. E era tudo igual.

ES – Quem mantinha a disciplina?

ENS – Praticamente não houve, bebida alcoólica não tinha.

ES – Qual era a base da alimentação?

ENS – Feijão, arroz e um pouquinho de café.

ES – Onde morava o pessoal que trabalhava no trecho?

ENS – Era formado o acampamento: barraca e também rancho de palha de coqueiro.

ES – Qual foi a primeira rua que abriram em São Miguel do Oeste?

ENS – A Getúlio Vargas.

ES – Como era feita a construção das casas?

ENS – Na esquina Marcílio Dias com a Getúlio Vargas, existia um galpão dos imigrantes. Ali ficavam acampados até a construção da moradia. Entrava um e saía outro, e assim ia indo.

ES – O senhor lembra da construção das primeiras obras públicas como igreja, escola e etc.?



Desfile cívico – La Salle Peperi década de 50



Colégio São José 1960

ENS – A primeira igreja foi católica, onde está hoje a “IGREJA MATRIZ”. A primeira escola foi no tempo do território do Iguaçu. Foi construída onde está hoje o Colégio São Miguel, e fora disso, construíram o Colégio Peperi e o Colégio das Irmãs - São José.

ES – Quando o senhor chegou a São Miguel do Oeste, Quais as histórias que contavam da Coluna Prestes?

ENS – Não tinha muito que contar, pois os moradores já tinham ido embora. Porque não tinha mais como se sustentar. A Coluna Prestes devastou tudo. Tiveram de sair. Um e outro ficaram e outros voltaram e contavam as passagens deles, mas tudo está morto. Tinha de juntar tudo para se ter uma noção, e não muito clara, sobre o assunto.

ES – Em que ano a coluna passou em São Miguel do Oeste?

ENS – Em 1942.

ES – Então não tinha mais vestígios?

ENS – A não ser alguma aba de cela aí no campestre. Foram achados espadas, estribos etc.

ES – Como funcionava o correio?

ENS – O primeiro correio eram os visitantes que chegavam. Traziam as notícias e também levavam as notícias. Mais tarde, a Matilde Bariquelo teve a rodoviária nova, se prontificou a ter o correio e anos depois construíram o correio onde está agora.

ES – Como era o ônibus?

ENS – O ônibus era uma caixinha com duas portas para cada banco. O passageiro entrava e fechava a dita porta – com um e outro solavanco, abria a porta e caía fora.



Primeiro ônibus de SMO

ES – Houve casos em que alguém caiu do ônibus?

ENS – Houve sim.

ES – Como foi?

ENS – Isso aconteceu lá pelas bandas do km 40 em 46 (1946). Estrada muito esburacada. Quando houve o dilúvio no rio Uruguai, na volta da primeira

viagem após o dilúvio. Quando os passageiros estavam empurrando o ônibus para chegar a São Miguel do Oeste. Foi aí que um passageiro descuidado caiu do ônibus. Mas não se machucou muito, porque a roda estava em um buraco e o resto da estrada era barro. E o vivente saiu caminhando e alcançou o ônibus, porque este já estava atolado em outro buraco, não sendo necessário o motorista esperar.

ES – Quais foram os fatores que atraíram os colonizados para São Miguel do Oeste?

ENS – Os colonizados ficaram mais interessados em explorar a madeira e os colonos queriam terras novas, como de fato era. Foram se aclimatando e evoluindo também.

ES – Quais foram as colonizadoras que atuaram em São Miguel do Oeste?

ENS – Antônio Porto em Descanso (também tinha terras em São Miguel do Oeste) e Barth & Anoni – primeiro (antes) Barth & Benete, e mais tarde, a Alberico Azevedo.

ES – Como eram feitas as vendas das terras?

ENS – No início uma colônia de pinhal valia Cr 1.800,00 e uma colônia de mato branco Cr 2.500,00, mas por pouco tempo. Os interessados no pinheiro arremataram todas as terras de pinhal, sobrando só as outras, que eram a minoria.

ES – Por que o pinhal valia menos?

ENS – O motivo é que a crença da terra rocha, terra de xaxim, não servia para a agricultura. Quando apareceu a vantagem da parte econômica do pinheiro, aí mudou a situação toda.

ES – Qual era a extensão de cada lote?

ENS – Entre 24 e 25 hectares cada. Uns até menos, outros mais.

ES – Qual era o critério para estabelecer o preço de cada colônia de terra?

ENS – Era por hectares.

ES – Todos os hectares valiam a mesma coisa?

ENS – Todos eram um preço só. Podia ser canhada, serro. As empresas se reservavam o direito do cedro.

ES – Para que servia o cedro?

ENS – Para fazer balsas.

ES – As Balsas saíam da região através de qual estrada ou qual rio?

ENS – No início levavam para as Antas (rio das Antas). Depois quando as estradas melhoram, levavam até Mondaí, para evitar a diferença da enchente do rio das Antas e do rio Uruguai.

ES – Em que sentido esta diferença de enchente no Uruguai e nas Antas?

ENS – Às vezes, dava enchente no rio das Antas e não dava no rio Uruguai, outras vezes dava no Uruguai e não nas Antas.

ES – Para onde eles levavam está madeira?

ENS – A maioria ia a São Tomé, e algumas iam para Uruguaiana.

ES – São Tomé é onde?

ENS – Na Argentina

ES – Quem comprava esta madeira?

ENS – Ali tinha muitas madeiras. Lá eles tinham a madeira dentro da água e lá eles tinham serrarias, tinham estradas de ferro. Levavam a Buenos Aires.

ES – Quem comprava a madeira era a Argentina?

ENS – A Argentina.

ES – Em São Miguel do Oeste, quais foram os primeiros moradores que adquiriram terras das colonizadoras?

ENS – Binami na Linha Sete de Setembro, Querino Andreta, em São Miguel do Oeste, Procópio Rodrigues, Carlos Ludwick.

ES – Foi vantajoso adquirir terras das colonizadoras?

ENS – Para quem adquiriu teve vantagens.

ES – O preço compensou?

ENS – Compensou, porque logo já venderam por bem mais.

III – ASPECTOS POLÍTICOS

ES – Quem liderou a primeira campanha de emancipação do município?

ENS – Os amigos de São Miguel do Oeste.

ES – Como foi escolhido o primeiro prefeito?

ENS – Através do partido dos Amigos de São Miguel do Oeste.

ES – Ele era do partido de esquerda ou de direita?

ENS – Contra o governo federal.

ES – O senhor se lembra das primeiras obras realizadas pela Prefeitura Municipal?

ENS – Não. Não tenho recordação.

ES – O que eles prometiam nas campanhas?

ENS – Aproximadamente tudo o que os novos políticos andam prometendo.

ES – Qual era o perfil dos candidatos?

ENS – Eram os de maior prestígio entre a população.

ES – Qual era o principal argumento para angariar votos?

ENS – Baixar os impostos. Afinal, como sempre é a campanha política.

ES – Houve perseguição política?

ENS – Alguma, sem grandes resultados. Não saíram muitos feridos. O mais era por sabotagem.

ES – O senhor lembra alguma destas sabotagens?

ENS – Na transmissão de cargo, as viaturas da prefeitura foram danificadas pelos próprios funcionários.

ES – Isso foi na posse de qual prefeito?

ENS – Na posse do prefeito da coligação do partido contrário.

ES – Quem foi o melhor prefeito?

ENS – Teve vários prefeitos bons, um sendo o Castelli.

ES – Quais as lembranças que o senhor tem das primeiras eleições?

ENS – Estou meio esquecido.

ES – Qual é a sequência dos primeiros prefeitos?

ENS – Olavo Erich, Olímpio Dal Magro, Avelino de Bona, Baldicera, Castelli, Zorzo, Mariani...

ES – Sobre o território do Iguaçu, quais as lembranças ou benefícios do território de São Miguel do Oeste?

ENS – Para São Miguel do Oeste como benefício o Grupo Escolar que hoje é

o Colégio Estadual da cidade e o grupo Escolar em separação, Grupo Escolar em Tracutinga, sendo que o grupo escolar de separação, por falta de alunos, hoje só tem uma sala de aula.

ES – Como foi recebida a notícia da criação do território?

ENS – Foi recebida com alegria, mas ao mesmo tempo eu não tenho muita recordação do início das obras, por que eu estava no quartel.

ES – Que quartel foi esse?

ENS – O 8º de Uruguaiiana.

ES – Mais jovens de São Miguel do Oeste se deslocavam para Uruguaiiana para o serviço militar?

ENS – Não. Os meus colegas de ano, uns foram a São Leopoldo. Em Uruguaiiana só fui eu. Os conscritos eram apresentados, pelos municípios, por registro de nascimento.

ES – Esta experiência que o senhor adquiriu no exército serviu para alguma coisa na vida civil?

ENS – Teve, porque conheci melhor a pessoa humana por si e também conheci colegas – camaradas de peito.

ES – Como era visto o jovem que retornava do serviço militar obrigatório?

ENS – Aqui na região não era lá muito, porque muitos nem se apresentavam.

ES – Sobre a política de São Miguel do Oeste, o senhor teria mais alguma colaboração a fazer?

ENS – Olha, a colocação que eu teria a fazer, política houve, mas mais trabalho.

IV – MODOS DE PRODUÇÃO E RELAÇÃO DE TRABALHO

ES – Quais foram as primeiras fontes de renda em São Miguel do Oeste?

ENS – Madeira, plantação de milho, trigo dava muito bem, feijão.

ES – De que modo o senhor adquiriu sua propriedade?

ENS – De uma madeireira – da empresa Santa Rita (colonizadora) que

colonizou o bairro Santa Rita, a Linha Parda e a cabeceira do rio Macaco (Branco).

ES – Como foi adquirida a propriedade?

ENS – A metade de entrada e o resto em seis meses.

ES – Em dinheiro?

ENS – 12.050,00 cruzeiros, meia colônia.

ES – O que o senhor produziu nesta terra?

ENS – Milho, erva-mate, feijão, suínos para subsistência, vaca de leite.

ES – Os demais proprietários de terras produziam da mesma forma ou produziam de forma diferente?

ENS – Algum fumo (tabaco) a mais. A maioria era o mesmo sistema.

ES – Quem comprava a produção?

ENS – Os negociantes repassavam para outras cidades. Hoje em dia, já tem indústrias locais.

ES – Sobre a criação de suínos, para onde iam estes suínos, considerando que não havia frigorífico na região?

ENS – Iam para São Luiz, Marau, Frederico, Ponta Grossa, Criciúma e outros lugares onde existia industrialização.

ES – De São Miguel do Oeste a Ponta Grossa não havia estrada de rodagem. Como os suínos chegavam a Ponta Grossa?

ENS – No início era em tropa. Era suíno de safra. O safrista derrubava trilhas a quarenta alqueires de mato, plantava o milho, tocava os porcos dentro – que estava numas mangueiras – e lá os suínos se alimentavam por conta. Quando estavam mais ou menos prontos, eram arrebanhados e trocados.

ES – E o suíno resistia à caminhada até Ponta Grossa?

ENS – Resistia, porque ele já estava treinado no meio das roças. Ele não dava banha. Ele dava granito. Não era feita a pesagem, e sim medido. Era por centímetros.

ES – Quais foram os primeiros empregos que este comércio oferecia para a população?

ENS – Chofer, motorista, funcionário, esquadrias (esquadrinheiro), plainas

de plainar, madeira (madeireiro) e por aí afora – outro já tinha cerâmica.

ES – Quais foram as primeiras cooperativas?

ENS – Tem uma que não recordo o nome, aquela faliu. Os colonos tiveram anistia das dívidas. Depois veio uma outra que está funcionando até hoje.

ES – Quais eram as obrigações do patrão para com os empregados?

ENS – Trabalhar. Peão trabalhou, recebeu. Trabalhou mal, recebia o que tinha em haver e estava terminado o assunto. Não tinha Fundo de Garantia, de férias também não se falava.

ES – Qual era o horário da jornada de trabalho?

ENS – Geralmente era de sol a sol.

ES – Qual era a importância do trabalho dos caboclos?

ENS – Não era muita, porque não se davam muito com o serviço e não tinha especialização. E também não tinha muito caboclo.

ES – Qual era a especialização dos caboclos?

ENS – Fazer roça, derrubar mato, algumas ervas. Iam até El Dourado, na Argentina, cortar erva para fazer alguns trocados.

ES – Quais foram os primeiros bancos.

ENS – Banco Incon e o Banco Mercantil.

ES – Estes bancos foram importantes para o desenvolvimento da cidade?

ENS – Afinal, foram muito importantes, manobravam a remessa do numerário.

ES – Qual a primeira indústria que se instalou no município?

ENS – As madeiras, depois foram surgindo fábricas de móveis. Até os anos sessenta, setenta, as principais foram as madeiras. Depois foram surgindo outras: de conserto, oficinas...

ES – Havia greve nestas indústrias?

ENS – Houve, mas não de muita importância. Paralisação não organizada. Era uma semana ou duas e depois tudo voltava ao normal.

ES – Sem resultado?

ENS – Propriamente nada.

V – AMBIÊNCIA SOCIAL

ES – Qual era o passatempo nos finais de semana?



Vista parcial Vila Oeste – Apanhado dos fundos da Res. Bar e Bolão do Pubi (1950)

ENS – No início: caçar, jogar cartas, ir ao terço, algum bailezinho na Santa Rita. Lá tinha o gaiteiro. Isso levou alguns anos. Depois houve a construção das casas. Antes de fazerem as repartições dentro, faziam bailezinho nos fins de semana.

ES – E o namoro, como era?

ENS – Era que nem hoje ainda. Continua sendo. Tem uma historinha sobre Canela Gaúcha – Posso falar?

ES – Sim.

ENS – Que era Canela Furada. Lugar de pouso e na hora dos caras pousarem, a canela servia de alvo para o tiro. Mas, como o chumbo era

bastante raro, foram tirando com o falcão o chumbo. Essa dita canela furou de lado a lado e ficou o nome (do Distrito) “CANELA FURADA”. Mais tarde foi colonizado e os rapazes da cidade foram namorar por lá. Quando voltavam, eram interrogados pelas moças da cidade. De onde estão vindo? Da furada, respondiam os rapazes. As Moças perceberam a malandragem e foram queixar-se ao Padre Aurélio. O dito padre resolveu o problema no momento: “Agora não é mais Canela Furada, agora é Canela Gaúcha”.

ES – Além do Padre Aurélio, havia outros em São Miguel do Oeste?

ENS – Teve o Padre Perez, que era um veterano da Segunda Guerra. Cá ou lá aparecia um outro padre que ficava uns tempos, mas saía logo.

ES – Qual era a importância do padre no casamento?

ENS – O Padre Aurélio era muito folclórico sobre este assunto. Posso?

ES – Sim.

ENS – Nas viagens dele, encontrou um cidadão no Rio Verde, no Paraná, que não tinha casado, perto de cinquenta anos, porque era muito caro. Aí ele inventou de falar para o vivente: “Se tu arrumas a noiva, não te custa nada o casamento”. Dali dois meses, em outra viagem, o vivente aquele vinha de braço com a noiva para celebrar o casamento, já que era gratuito. Outra folclórica dele foi lá pelas bandas de Riqueza – Mondai. Chegou lá onde sempre parava – triste homem. Eu tenho que casar e o noivo também, só que não temos dinheiro, mas eu tenho uns queijos. Diz o padre: “E o noivo onde mora?” Ele mora logo ali. Vai lá chamar ele. Depois desta, o padre falou: “Nunca carreguei tanto queijo como nesta viagem”.

ES – O senhor pode explicar a criação do Santuário do Caravagio?

ENS – O Padre Aurélio havia comprado a primeira olaria de São Miguel do Oeste, que ficava ali no bairro Agostini, e que tinha muito tijolo. Depois trocou e foi para o bairro Santa Rita, e como tinha tijolo, fizeram o Santuário do Caravagio. Mas há de ter outros motivos.

ES – Qual é a razão da peregrinação no dia de Nossa Senhora do Caravagio, naquele local?

ENS – A tradição corresponde à do Rio Grande, porque lá existe um

santuário mais antigo, com o mesmo nome.

ES – *Sobre a assistência médica, no início da colonização, como era o atendimento médico?*

ENS – *Não tinha médico no início da colonização. O mais próximo estava em Porto Feliz – Mondaí, onde, inclusive, aconteceu que levaram as pessoas em macas, a pé, e na viagem faleceram. Depois, mais tarde, apareceu o Fernando Lomann. Trouxe uma farmaciazinha homeopática. Senão, era curandeirismo. Mais tarde apareceu o Dr. Wágner, mas era enfermeiro. Mais tarde surgiu o Teles Resende, e mais tarde apareceram outros médicos.*

ES – *E o primeiro posto de saúde?*

ENS – *Foi no governo de Irineu Bornhausen, situado na frente da paróquia.*

ES – *Este posto de saúde, mais tarde, se transformou em hospital?*

ENS – *Não. O Hospital Dr. Missen, o Padre Aurélio também construiu um, seria onde é a atual prefeitura. E mais tarde surgiu o Hospital São Miguel.*

ES – *Em que ano foi inaugurado o primeiro hospital de São Miguel do Oeste?*

ENS – *Aproximado dos anos 50 e poucos.*

ES – *Qual era a escola mais próxima?*

ENS – *A mais antiga ficava onde está a praça hoje. O professor era o Hans – de Iporã –, lecionava. Mais tarde o Ismael Pelissare lecionou e o Wágner, filho do dito médico. Perto da gruta de hoje, onde morava a Nilva Martinotto.*

ES – *O que os alunos aprendiam nestas escolas?*

ENS – *O currículo daquela época.*

ES – *Quem pagava os professores?*

ENS – *Os primeiros, o professor era particular ou pelo município de Chapecó. Mas creio que eram as empresas colonizadoras.*

ES – *Os professores estavam satisfeitos com o que recebiam?*

ENS – *Provavelmente sim, porque não lecionavam.*

ES – *Os seus filhos freqüentavam quais escolas no início da colonização?*

ENS – *Aqui no bairro não tinha escola, mas a comunidade se encarregou de construir uma escola e a prefeitura pagava a professora.*

ES – *Quais eram as principais escolas de São Miguel do Oeste?*

ENS – A primeira escola foi aqui no bairro, a Escola José Veroneze, inaugurada em março de 1956.

ES – Sobre os colégios particulares, quem se empenhou para trazer os colégios para São Miguel do Oeste?

ENS – O Prefeito Olímpio Dal Magro. Nos anos 56, quando ele era prefeito, ele se empenhou em trazer os irmãos Lassalistas e o Colégio São José. E assim surgiram estes dois colégios particulares.

ES – Os seus filhos estudaram nestes colégios?

ENS – No Colégio Lassalista. No São José não.

ES – A mensalidade era muito cara?

ENS – Não, não era muito cara, dava para pagar.

ES – Quantos filhos seus estudaram em colégios particulares e que o senhor pagou o ensino?

ENS – Praticamente oito.

ES – Compensou o investimento em educação.

ENS – Creio que sim.

ES – Sobre as escolas, o senhor teria mais alguma colocação a fazer?

ENS – Sobre as escolas, São Miguel do Oeste está de parabéns, porque já tem faculdade.

VI – TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS

ES – O que representavam os pinheirais para a população de São Miguel do Oeste?

ENS – Algo bom, a sobrevivência, muitas pessoas trabalhando na extração da madeira. Inclusive eu trabalhei dois anos e meio serrando tábuas, pranchas. Para os trabalhadores, o salário. Os madeireiros tiveram bastantes lucros, mas muito pouco foi investido em São Miguel, quase tudo foi para fora.

ES – Havia alguma preocupação de que esta madeira poderia acabar?

ENS – Pelo visto, propriamente zero.

ES – Havia algum reflorestamento?

ENS – Um pouquinho, perto do campo de aviação. Mas, comparado ao que tinha, zero.

ES – Como a população via a destruição das florestas?

ENS – Muito poucos se deram conta do que podia sobrar para mais tarde.

ES – Além do pinheiro, quais eram as outras árvores nobres da região?

ENS – Cedro, cabriúva. O cedro era muito apreciado pelos balseiros porque boiava, não afundava na água. Angico, grápia, canela e outras.

ES – Quais as serrarias que industrializavam esta madeira?

ENS – A Sucan, Bart & Anoni, Santa Rita, Alberico Azevedo e outras.

ES – A população protestava contra o desmatamento por essas madeiras?

ENS – Não. Achavam tudo isso natural. Inclusive, o pinheiro que não dava tora, o cortador ganhava pago o tombo do pinheiro.

ES – O caboclo reivindicava algum pedaço de terra?

ENS – Que eu saiba não. Porque o caboclo era apenas morador. Não era dono. Não se interessava em reclamar por alguma coisa.

ES – O caboclo nunca desejou ter o seu próprio negócio?

ENS – Pouco caboclo tinha. Pelo que eu sei, ninguém reclamava. Em lugares mais povoados, como Dionísio Cerqueira, ali eles reclamavam. Como nunca pagaram impostos, não reclamavam porque não tinham prova de posse.

ES – Houve casos de expulsão dos caboclos de suas terras?

ENS – Do meu conhecimento, não. Eles trabalhavam nas madeiras, mas propriamente os que trabalhavam eram de fora.

ES – A madeira era vendida para quem?

ENS – A madeira cerrada era toda exportada, no início pelo rio Uruguai. Mais tarde, ia de caminhão para a fronteira do Rio Grande do Sul.

ES – Ia para qual país?

ENS – As balsas iam todas para São Tomé e lá eram despachadas para Buenos Aires e de lá para o resto do mundo. As que saíam de caminhão iam para Quaraí - Santana do Livramento.

ES – Como era feita a caça e a pesca predatória?

ENS – A pesca era feita à dinamite. Muitos perderam as mãos. A caça

predatória... pegavam a caça e tiravam um pedaço e o resto ficava no mato apodrecendo.

ES – Qual era o tipo de peixe mais pescado na região?

ENS – Traíra, piava, dourado e outros.

ES – E a caça?

ENS – A mais abatida era o veado, a anta – paca.

ES – E as aves?

ENS – Jacutinga, macuco, jacu velho, uru nambu. Não ficou um.

ES – O senhor sente saudades desses animais?

ENS – Sinto, porque no meu terreno, cá ou lá, visitavam a lavoura. Eu não tinha arma. O bichinho se assustava. Entrava e saía para o rio. Tanto a cotia vinha para o terreiro, jacu velho, tateto. Tateto vinha comer pinhão. Ouvia ele estalar os dentes, quando comia pinhão.

ES – Na sua opinião, quais foram as causas dessa depredação?

ENS – Pelo alimento. Perdiam mais tempo que se ficassem trabalhando.

ES – A caça então compensou?

ENS – Na minha opinião, não.

ES – Quais foram as causas do desmatamento?

ENS – Ter terra fértil, terras novas.

ES – Qual a importância dos balseiros para São Miguel do Oeste?

ENS – O balseiro em si ganhava o salário e não deu muito resultado.

VII – CONSIDERAÇÕES FINAIS

ES – O que foi o dilúvio?

ENS – O dilúvio foi uma enchente repentina no rio Uruguai. Foi levado de roldão toda a madeira. Tudo, tudo o que encontrava pela frente. Foi perdida muita madeira, tanto viga como prancha.

ES – O senhor se lembra de alguma estiagem prolongada?

ENS – A estiagem prolongada que houve, no início da colonização, aconteceu em 43, 44 e 45. E foi terminar com o dilúvio no rio Uruguai.

ES – Houve alguma epidemia?

ENS – Houve uma contaminação que estava se alastrando no Rio Grande, e com os visitantes, veio o tifo para a cidade, contaminando os afluentes do rio Famoso.

ES – Como o senhor se sente quando é solicitado para prestar informações sobre o povoamento de São Miguel do Oeste?

ENS – É um prazer para mim poder fornecer informações. Embora, também algum esquecimento que eu tenho. Mas me sinto honrado em fornecer as devidas informações possíveis.





ENTREVISTA II

Entrevista realizada com a Sra. Aneide Anoni, por Euclides Staub, às 09 horas e 40 minutos, em 14 de agosto de 1996, no Museu Municipal, sito na Rua Sete de Setembro nº 2045, na cidade de São Miguel do Oeste - SC.

Aneide Anoni

I – DADOS DA ENTREVISTADA

ES – *Qual é o seu nome completo?*

AA – *Aneide Anoni.*

ES – *Onde a senhora nasceu?*

AA – *Garibaldi, Rio Grande do Sul.*

ES – *O nome de seus pais?*

AA – *Mário e Maria Regina Anoni.*

ES – *Qual a procedência deles? De onde eles vieram?*

AA – *O meu avô veio da Itália e o meu pai também veio de lá, era criança pequena, a gente sabe pouco da história deles lá.*

ES – *Qual é o nome do seu marido?*

AA – *Antônio Correia de Melo, apelido: Pedro Melo.*

ES – *O nome dos seus filhos?*

AA – Nilson Melo.

ES – A senhora só teve um filho?

AA – Só tive um.

ES – Quais as profissões que a senhora desempenhou?

AA – Eu sempre fui dona-de-casa. Desde criança a gente sempre foi voluntária para formar comunidades assim. Viemos para cá, eu tinha 13 para 14 anos, e aí na época não tinha escola. Aí então os funcionários de ferrarias, o meu pai tinha moinho, faziam erva-mate. Então os filhos destes funcionários, como não tinha escola, os pais dessas crianças pediram para que eu os ensinasse.

ES – Quais as escolas que a senhora freqüentou?

AA – Isso foi ainda em Rio Grande – Garibaldi, Rio Grande do Sul.

ES – Qual foi a mais importante?

AA – Olha, eu acho que foram aquelas que tinham umas professoras boas, enérgicas. Então a gente aprendeu mesmo.

ES – As professoras eram de onde?

AA – Tinha umas de Porto Alegre, que era a D. Mocinha, como a chamávamos na época; outras eram daqui mesmo da região.

ES – Quais as recordações da sua chegada a São Miguel do Oeste?

AA – Ninguém queria descer do caminhão de mudança, porque era só mato.

ES – Queriam voltar?

AA – Sim, principalmente minha mãe. Mas a gente foi ficando e depois construímos a casa e o moinho. Na época também não tinha moinho. Então o pessoal que era daqui ia todo no moinho e lá ficava o dia todo, até moer todo aquele milho e o trigo. Passavam o dia todo com a gente.

ES – A senhora casou aqui?

AA – Sim, foi aqui.

II – HISTÓRIA DO POVOAMENTO LOCAL

ES – Quem FORAM os primeiros moradores de São Miguel do Oeste?

AA – Me lembro de alguns, porque nós morávamos fora, mas tinha a

família Long, que foi uma das primeiras e construiu a serraria; depois tinha os Ferrazes, tinha também os Lomanns. Até o primeiro foi o Lomann, os Procópios e os Rodrigues que também foram um dos pioneiros.

ES – *De onde eles vieram?*

AA – *Acho que vieram de Caxias - RS e de Farroupilha. Acho que os primeiros moradores eram de origem latina; italiano, todos italianos, que me lembro.*

ES – *E por que essas pessoas vieram?*

AA – *Vieram em busca de trabalho, de colonização.*

ES – *E o trabalho no Rio Grande do Sul? Não tinha muito trabalho lá?*

AA – *Acho que a maioria trabalhava na agricultura, outros na indústria; era uma região de uvas e uns anos não deu muito bem. Então o pessoal foi buscar futuro no mato.*

ES – *Então por que eles vieram?*

AA – *Para buscar mais recursos.*

ES – *E a senhora, por que veio?*

AA – *Bom, na época eu era criança e meus pais vieram e eu os acompanhei.*

ES – *Quais as dificuldades encontradas na chegada?*

AA – *Era só isso. A gente não tinha mais escola, não tinha igreja. A gente sempre foi muito católica. Não tinha divertimento. É que a gente era acostumada a ir a teatro; essas coisas de crianças, e aqui não tinha mais nada disso. Então a gente se reunia em casa entre as famílias e fazia os teatrinhos. Era a única coisa que fazia passar o tempo, mas era divertido e a gente se acostumou.*

ES – *Como era o dia-a-dia?*

AA – *O dia-a-dia era de muito trabalho, muito mesmo.*

ES – *E no final de semana, faziam o quê?*

AA – *Era só isso. Faziam brincadeiras, teatrinho. Às vezes, nos reuníamos na casa de alguém, rezávamos um terço, e eu comecei a lecionar para aquela criançada ali em roda, porque não tinha aula para nada. Então iam lá em casa por volta de uma hora e ficavam até as três horas, porque depois tinham de ir trabalhar. Então até as três horas eu lecionava para*

aquelas crianças. Não era registrada porque era a pedido dos pais; não foi uma coisa que hoje apareça.

ES – *Ninguém registrou essa brincadeira?*

AA – *É, ninguém registrou a nossa brincadeira.*

ES – *Quem cuidava da lei e da ordem? Quem era responsável pela ordem e disciplina da comunidade de São Miguel do Oeste?*



Delegacia

AA – *Tinha o inspetor que era o Pedro Malmann, meu marido também foi inspetor em certa época, que cuidava dessas coisas.*

ES – *E ocorriam muitos problemas na sociedade?*

AA – *Não, nenhum; quase nada.*

ES – *E como foram construídas as casas de São Miguel do Oeste?*

AA – *As casas, na época, já havia muitas, por causa das serrarias onde*

serravam o pinhal para a construção das casas.

ES – Qual era o meio de transporte na época mais usado?

AA – Era só pelas carroças e pelo cavalo, na maioria pelo cavalo.

ES – E como funcionava o correio?

AA – Na época aqui não tinha correio. Tinha de ir até Mondai ou até Dionísio Cerqueira para poder mandar uma carta para algum lugar. As crianças todas tinham de ir a Mondai para poder serem registradas. Inclusive meu filho é registrado em Mondai, porque aqui não tinha cartório. Foi numa época em que aqui não tinha nada mesmo.

ES – Quando a senhora chegou aqui, ouviu alguma história sobre a Coluna Prestes?

AA – Sim, desde a chegada. Até fazia pouco que eles tinham passado.

ES – E o que eles diziam dessa Coluna Prestes?

AA – Diziam que foi uma revolta, tipo uma revolução. Até a gente conversou com gente que contava uma história que as pessoas fugiam da Coluna Prestes, se escondiam muito. Era tão complicado que até hoje marca a história deles.

ES – Por que o pessoal tinha medo da Coluna Prestes?

AA – Mas eu acho que não era tanto medo assim. Eles tinham era receio de perder o que tinham; porque quando eles passavam e se tivessem duas vacas de leite, eram capazes de matar uma e comer. Então não é que eles tinham medo, eles só não queriam perder o que tinham.

ES – Com quantas pessoas eles passaram?

AA – Ah, isso eu não sei lhe dizer.

ES – E teve pessoas que disseram que levaram alguma coisa delas?

AA – Sim, teve gente que se escondia nos matos. Na época, a gente estava aqui, mais o que eles contavam sempre é que se escondiam muito para não se encontrar com eles. De repente até os levavam juntos. Foram encontradas, por aí, armas que acharam perdidas. Foi na estrada daqui para Dionísio (Cerqueira). Foi tudo pela picada da Coluna Prestes.

ES – Quer dizer que a BR-163 seguia na trilha da Coluna Prestes?

AA – Seguiu na trilha da coluna.

ES – *Quais foram os fatores econômicos que atraíram os colonos aqui para São Miguel do Oeste?*

AA – *Na época era milho, trigo; mais pro gasto. Não tinha para quem vender e nem como transportar.*

ES – *E a madeira, vendiam a madeira da região?*

AA – *A madeira, sim. Inclusive o meu marido trabalhou muito, que sempre foi capataz geral da madeireira, do balsamento da madeira pelo rio.*

ES – *Eles embalsavam a madeira?*

AA – *Sim, eles embalsavam aqui no rio das Antas. Embalsamento era o nome dado aos remontes de uma ou duas dúzias de tábuas. Aí sim, iam fazer uma balsa lá no rio Uruguai em Mondaí.*

ES – *E a partir do rio Uruguai, a madeira ia para onde?*

AA – *Aí ela seguia, a balsa inteira para Uruguaiana.*



Extração e transporte da madeira – arquivo Luizana

ES – *E de lá, a senhora sabia para onde ia essa madeira?*

AA – *A maioria para a Argentina, e outros lugares de comércio.*

ES – *Então o ponto de comércio era Uruguaiana?*

AA – *Era Uruguaiana.*

ES – *E qual era o trabalho das empresas colonizadoras?*

AA – *As empresas colonizadoras, depois que foram tirando a madeira, então elas iam vendendo para outras empresas colonizadoras.*

ES – *E o seu marido tinha colonizadora?*

AA – *Não, o meu marido era empreiteiro das turmas de serrarias. Nós, depois, botamos granja, formamos uma granja de gado. Até na época reclamavam muito porque as terras são boas para plantar e plantar grama só iria estragar a terra.*

ES – *Então quer dizer que a criação de gado não era bem-vinda?*

AA – *Não, na época não, porque tinha muita caça, então ninguém dizia: eu vou comprar um quilo de carne. Era só ir pro mato e em poucas horas vinha com um veado.*



Funcionários da Madeira Farro – arquivo Luizana (35)

ES – *E a senhora lembra quais eram as empresas colonizadoras que atuavam aqui em São Miguel do Oeste?*

AA – *Teve a Barth & Anoni que também foi colonizadora. Teve ainda os Faros e os Luquezi, que também foram colonizadores.*

ES – *Esses colonizadores adquiriam essas terras de onde?*

AA – *Eu acho que era das firmas, das serrarias, que colocavam serrarias para serrar as madeiras que iam tirando, e depois que não havia mais madeira vendiam as terras. Cada um tinha a sua gleba.*

ES – *Essas terras eram adquiridas do governo?*

AA – *Não estou bem lembrada, mas a grande maioria devia de ser do governo.*

ES – *Uma colonizadora passava para a outra?*

AA – *Sim, uma passava para a outra, porque a Barth & Anoni passou para a Sican, e assim foi até o fim, até que terminou.*

ES – *E qual foi a contribuição dos padres na formação da comunidade de São Miguel do Oeste?*

AA – *Aqui só teve um, que veio depois de anos. Ele era o Padre Aurélio. Foi um homem muito trabalhador e batalhador por São Miguel do Oeste. Muito trabalhador mesmo. Ele foi quem fez a maioria aqui – ele cuidava da região. Ia até Santo Antônio (PR) a cavalo.*

ES – *Além de rezar, o que mais ele fazia por São Miguel do Oeste?*

AA – *Quando não havia médico, principalmente quando houve a febre do tifo aqui, ele foi um médico para nós. Aí, quando o médico de fora chegou, ele servia como enfermeiro. Ele até fez operação de apendicite. Além de padre, ele era muito ativo na sociedade.*

ES – *E as pessoas obedeciam ao Padre Aurélio, mais ou menos como aos padres de hoje?*

AA – *Os padres de hoje, ninguém mais respeita. Eles acham que nada está bom e a outra religião é melhor. E na época só tinha aquele.*

ES – *Então não havia tantas igrejas?*

AA – *Não, só a igreja católica, que era uma igreja pequenininha. Então, depois, ele construiu uma grande para ele ser bispo, que era para ser a diocese,*

mas daí os outros não concordaram, porque as outras regiões perdiam muito com isso

ES – *A senhora acha que o sonho do Padre Aurélio era ser bispo de São Miguel do Oeste?*

AA – *Sim, ser bispo sempre foi seu sonho, e não faltava muito, porque ele já tinha muitos cursos e já estava em condições de ser bispo. Inclusive, eu acho que a morte do Padre Aurélio, ainda culpo este trechinho que tanto queria fazer isso e teve gente daqui que foi contra ele. Mais os de fora, né? E ele ficou com aquele sentimento. Chegaram a tirá-lo para botar outro. Inclusive veio um padre que ninguém gostava dele. Ele era muito ruim, principalmente os mais antigos. E começaram a perseguir os que queriam a diocese.*

ES – *Como a senhora vê o Bispo Dom José Gomes, que excomungou o Padre Aurélio e no dia do seu funeral o elogiou tanto?*

AA – *Até hoje ele faz isso. Pelo que nos contaram, no seminário, ele e o Bispo estudavam juntos, mas era ele que dirigia a turma. Então, eles já tinham isso no seminário. O bispo não lhe obedecia, imagine o Padre Aurélio; ele se achava melhor do que ele, mesmo!*

ES – *Então era uma rivalidade desde que freqüentavam o seminário?*

AA – *Sim, desde o ginásio; até um dia dizem que o bispo disse o seguinte: “Um dia ainda vou te passar na frente, e eu vou te mostrar”.*

ES – *Então, talvez tenha sido por isso que o Padre Aurélio não tenha se tornado bispo?*

AA – *Sim, porque a perseguição do Bispo Dom José Gomes era muito grande. E talvez o padre não tivesse morrido, porque o sentimento faz a pessoa decair, ficar com aquilo. Basta dizer que foi abandonado. Construiu uma igreja no São Gotardo e lá ele parava sozinho – e assim por diante. E, pelo meu ver, foi uma injustiça muito grande que fizeram com ele.*

ES – *Foi o Padre Aurélio que construiu as duas maiores igrejas de São Miguel do Oeste? E a senhora acha que hoje algum padre teria condições de construir duas igrejas?*

AA – *Não, creio que não. Se as terras que ele doou, a gruta, tudo era do padre*

– o campo do Guarani foi ele quem deu, a prefeitura nova era um antigo hospital que ele construiu, na época; tudo era terra dele.

ES – Como ele tinha tantas terras?

AA – Herança de seus pais. Só que ele distribuiu tudo. Ele morreu quase que totalmente pobre, na miséria.

ES – Ele seguiu fielmente o voto de pobreza?

AA – E o povo hoje quer que conte mais essa história. Os mais antigos sabem muito bem desta história e podem contar melhor.

ES – Sobre os assuntos que nós abordamos até agora, a senhora teria mais alguma coisa para acrescentar?

AA – Eu sempre, desde criança, fui voluntária. E até hoje o que eu puder fazer pela comunidade, eu faço.

ES – E a senhora considera gratificante?

AA – Isso é gratificante, principalmente quando formamos grupos. No pavilhão da igreja, aí a gente faz cestas de Páscoa e Natal e aí a gente vai nas comunidades mais carentes ajudar. Agora estou ajudando na rede feminina de combate ao câncer. E passo os dias assim, né?

III – HISTÓRIA POLÍTICO-ADMINISTRATIVA

ES – Quem liderou a campanha pela emancipação do município?

AA – Isso foi na época da Barth & Anoni, depois a Sican. Acho que foi já o Olímpio Dal Magro e Daniel Botaro, que foi o primeiro prefeito que deu na região.

ES – Quem foi o primeiro prefeito?

AA – Olímpio Dal Magro, que foi eleito.

ES – E dos nomeados, a Senhora se lembra?

AA – Na época foi Daniel Botaro, foi nomeado até a primeira eleição.

ES – E quais foram as primeiras obras desses prefeitos?

AA – Foram dando andamento como podiam. Mas, também, com a pouca verba que tinham...

ES – *E construíram alguma coisa?*

AA – *Construíram. Na época, uma pequena prefeitura, começaram o calçamento na frente da igreja.*

ES – *Houve perseguição política?*

AA – *Na época não. Todo o mundo colaborava com os que ganhavam. Basta dizer que os vereadores, na época, não ganhavam nada. Eu tinha um cunhado que foi vereador umas quatro ou cinco vezes. Eles não ganhavam ordenado. Eram voluntários. Foi uma coisa boa, mas não ganhavam nada por isso.*

ES – *Na época eles trabalhavam em função do município?*

AA – *E por amor, para tocar pra frente, e era uma honra dizer que era vereador.*

ES – *E qual era o perfil dos candidatos?*

AA – *Bom, eu lembro que só havia dois partidos. Não havia rivalidade. Cada um fazia sua campanha, honesta, sem mentiras, sem nada.*

ES – *Quais as características que um candidato tinha de ter para ser escolhido pelo pessoal?*

AA – *Aqui ele tinha de ser bem visto na sociedade.*

ES – *E na sua opinião, quem foi o melhor prefeito?*

AA – *Não dá pra se dizer, aquele foi melhor que o outro, porque dependiam muito das verbas, e seguiam o projeto CURA para o qual puderam conseguir mais dinheiro. E quem pegou naquela época pode fazer mais coisas. Mais obras.*

ES – *E quais as obras que apareceram com o projeto CURA?*

AA – *A primeira foi muito calçamento e asfalto.*

ES – *Qual foi o prefeito que conseguiu essa verba?*

AA – *Não me lembro. Que deu município modelo, foi na época do Valdemar Rangrab. O projeto CURA, acho que foi depois do Valdemar.*

ES – *E das eleições. A senhora se lembra das eleições?*

AA – *Eu me lembro um pouco das eleições.*

ES – *Quando a senhora votou pela primeira vez?*

AA – *Lembro-me um pouco das eleições. Acho que completei dezoito anos e acho que votei no primeiro prefeito, Olímpio Dal Magro.*

ES – *E a senhora votou em quem?*

AA – *Nele mesmo.*

ES – *E a senhora se arrependeu de seu voto?*

AA – *Não me arrependi, porque era um homem muito trabalhador.*

ES – *E na época, qual era o argumento para angariar votos?*

AA – *Que iriam formar uma comunidade diferente.*

ES – *Sobre a história política, a senhora teria mais alguma coisa para acrescentar?*

AA – *A gente nunca foi muito de política, como eu disse. Sempre foram campanhas muito honestas. Não tinha muita rivalidade.*

IV – MODOS DE PRODUÇÃO E RELAÇÕES DE TRABALHO

ES – *Quais foram as primeiras fontes de renda em SMO?*

AA – *Acho que a maioria era a madeira. Todo o mundo era empregado na colonização.*



José Frigeri

ES – *De quem o seu marido adquiriu a sua propriedade?*

AA – *Dos Barth - Anoni.*

ES – *E o que produziram na propriedade?*

AA – *Ele sempre trabalhou nestas firmas que ele dirigia, serraria e corte de madeira. Aí só ficava eu na propriedade. Aí que começou a produção de invernadas de gado.*

ES – *Quantas cabeças de gado vocês tinham?*

AA – *Nós tínhamos 120 cabeças. Eram quatro colônias plantadas de grama.*

ES – *E quem comprava esta produção?*

AA – *O pessoal da comunidade que chegava.*

ES – *Quais eram os primeiros empregos?*

AA – *Eram os empregados que trabalhavam em serrarias e na colônia, cortando madeira e serviço em geral.*

ES – *Quais eram as cooperativas existentes?*

AA – *Na época nem existia cooperativa ainda. A primeira foi a de luz. Aí que gerou emprego a mais.*

ES – *A cooperativa de luz a que a senhora se refere é a de eletrificação rural?*

AA – *Sim, a eletrificação rural, onde formaram a cooperativa, onde o agricultor ia se associando.*

ES – *E deu certo?*

AA – *No começo deu certo. Depois veio a CELESC (Centrais Elétricas de Santa Catarina).*

ES – *A senhora lembra alguma coisa sobre direitos trabalhistas da época?*

AA – *Na época só havia a indenização, quando despachavam o... aí recebiam indenização. Hoje, acho que nem existe mais. E lembro que teve gente que ganhou tudo em terras.*

ES – *Na época, eles reivindicavam mais alguma coisa?*

AA – *Eles tinham o IAPI, nem era o INPS, então eles tinham. Eles contribuía – eles descontavam.*

ES – *Qual era a importância do trabalho do caboclo para o desenvolvimento da região Oeste?*

AA – Acho que na época eles trabalhavam bem, porque essas firmas só tinham essa gente para trabalhar, que os outros eram colonos que vinham trabalhar na colônia.

ES – Hoje se verifica que a maioria desses caboclos não conseguiu preservar o seu patrimônio. A que a senhora atribui isso?

AA – Eu acho que, porque ele ganhava aquele salário por mês, e como não era muito, não sobrou para guardar. Dava só para comer e sobreviver. O caboclo gosta de passar bem, né?

ES – O caboclo recebia a mesma coisa que o branco?

AA – Não, quando ele era empregado, não tinha distinção. Pelo menos o pessoal que trabalhava com o meu marido; tinham o mesmo direito.

ES – A senhora lembra dos primeiro bancos de São Miguel do Oeste?

AA – Deixa-me ver. O banco Incom, União de Bancos; o Incom foi o primeiro.

ES – Esses bancos foram importantes para o desenvolvimento?

AA – Foram, porque foi aí que eles começaram a depositar algumas sobrinhas.

ES – Antes do banco, guardavam o dinheiro onde?

AA – Acho que não tinha. Nós, pelo menos, íamos até Chapecó. Mas a maioria gastava tudo, principalmente os trabalhadores.

ES – O dinheiro era mais escasso que hoje?

AA – Era mais escasso, e não ganhavam, viviam só daquele ordenado.

ES – Havia greve naquela época?

AA – Não, que eu lembre, nunca houve greve.

ES – Sobre este assunto, a senhora teria mais alguma colocação a fazer?

AA – Não. Seria só isso.

V – AMBIÊNCIA SOCIAL

ES – Qual era o passatempo nos finais de semana?

AA – Isso tinha umas reuniões dançantes – a missa, depois que tinha o padre.

ES – Havia jogos?

AA – Sim, havia jogos. O primeiro foi o futebol e depois a bocha – coisas assim.

ES – *Como era o namoro naquela época?*

AA – *Era muito sério.*

ES – *O que a senhora considera um namoro sério?*

AA – *Eu acho que é o respeito de um pelo outro.*

ES – *Qual é a diferença do namoro de hoje para o daquela época?*

AA – *Olha, hoje o namoro deveria ter mais censura. Desde criança, só fala em namoro e já pensa em sexo e não se respeitam mais.*

ES – *Naquela época o casamento durava mais que hoje?*

AA – *Sim, durava mais.*

ES – *Casados até que a morte os separava?*

AA – *Até que a morte os separava.*

ES – *E o padre, como entrava nesta história de casamento e namoro?*

AA – *Todo o mundo lhe obedecia muito. Na igreja, ele dava os sermões e todos obedeciam.*

ES – *Além do Padre Aurélio, teve outro padre que realizou serviços de grandes proporções?*

AA – *Não, acho que só deram continuidade ao que ele fez.*

ES – *Como foi criado o Santuário do Caravagio?*

AA – *Acho que foram os colonos de lá mesmo, e também o Padre Aurélio.*

ES – *Quem prestava o atendimento médico?*

AA – *Teve uma época um que não era médico, mas montou uma farmacinha e dava atendimento. Depois teve a epidemia do tifo, aí veio um médico, que era o Resende, e depois outro.*

ES – *Qual era o hospital mais próximo?*

AA – *Mondai ou Chapecó.*

ES – *E como transportavam os doentes?*

AA – *Às vezes algum caminhão da firma que carregava toras e madeira.*

ES – *E a escola mais próxima?*

AA – *Nos primeiros anos não tinha. Lembro-me da escolinha do Ismael Pelisari, que foi o primeiro professor de São Miguel.*

ES – *Só tinha a escola da senhora?*

AA – *Aquela minha não era escola; ficava na casa de meu pai.*

ES – *Mas ensinava?*

AA – *Ensinava, e, claro, todos aprenderam muito bem.*

ES – *A senhora conseguiu fazer com que todos aprendessem a ler e escrever?*

AA – *O que eu sabia, todos eles aprenderam. Tem, inclusive, duas irmãs minhas que hoje são comerciantes e que estudaram comigo.*

VI – TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS

ES – *Qual a madeira que mais tinha na região?*

AA – *Era o pinho – madeira de lei, cortavam pouco.*

ES – *Como os índios viam a destruição da floresta?*

AA – *Na época tinha poucos. Tinha uns e outros de passagem, mas eles não falavam nada. Eles moravam perto de Mondai ou Chapecó. Eles chegavam lá em casa. Gente boa. Assim, não tinha o que dizer deles.*

ES – *Eles se relacionavam com o povo branco?*

AA – *Sim, se relacionavam.*

ES – *Que língua eles falavam?*

AA – *O português, um pouco mal, mas nem todos.*

ES – *De que tribo eram?*

AA – *Os Kaingang. Inclusive, o meu marido andava muito doente e naquela tribo tinha um médico deles. No acampamento faziam remédios e todos os meses traziam.*

ES – *Eles tinham a técnica deles?*

AA – *Sim, eles tinham, e boa.*

ES – *E a caça predatória, como era feita?*

AA – *Eles iam para o mato e depois de meia hora vinham com um veado. Eles caçavam muito porco-do-mato.*

ES – *Tinha muito?*

AA – *Sim, eles faziam aquelas mangueiras de pau-a-pique. Eu me lembro de que eles caçam 23 porcos de uma vez só. Era a coisa mais linda vê-los chegar*

em casa, com os cavalos carregados com dois ou três porcos cada um.

ES – *Mas matavam todos os porcos?*

AA – *Às vezes fechavam na mangueira.*

ES – *Não tentaram criar em cativeiro?*

AA – *Não tentaram criar em cativeiro.*

ES – *Teve algum animal que vocês tentaram reproduzir em cativeiro?*

AA – *Não.*

ES – *Na sua opinião, quais foram as causas do desmatamento?*

AA – *Foi por causa da colonização.*

ES – *E como funcionava a extração da madeira?*

AA – *As serrarias que derrubavam e depois levavam rio abaixo, iam vender lá em Uruguaiana (RS). Foram tirando o que tinha, esbanjando. Porque o mais foi esbanjado.*

ES – *Pelo rio Peperiguaçu, a madeira também foi transportada?*

AA – *Não, porque o rio não tinha muita força para o transporte da madeira.*

ES – *Qual era a importância dos balseiros para a população?*

AA – *Era só para os donos de serrarias. Porque eles eram especialistas em tocar estas balsas que chamavam. Este tinha de ser especial (especialista), porque ele sabia por onde tocar, dirigir aquela balsa.*

ES – *Os lucros dessas vendas foram distribuídos nesta região?*

AA – *Foram poucas as madeireiras que fizeram progresso – foram poucos. Os frutos foram para a cidade maior.*

ES – *Então, o interesse terminou quando acabou a serraria e pouco sobrou para a região.*

AA – *Acabou a serraria e ninguém mais se interessou pela região.*

ES – *Ninguém se interessou em plantar o pinheiro?*

AA – *Teve uma época em que era obrigado a plantar, mas foi pouco cuidado. A formiga comia, outros botavam fogo numa lavoura próxima e queimava tudo.*

ES – *Quais os prejuízos irreparáveis causados pelo desmatamento?*

AA – *Bastante, né? Para a população toda.*

ES – *Para quem vendiam a madeira?*

AA – *Para estas firmas: madeireiros. Faziam depósitos e depois eles revendiam para a construção.*

ES – *Quais eram as maiores serrarias da região?*

AA – *Na época tinha a Barth& Anoni, a Sican, a Farro, a Luquese. Esse mais era colonizador, mas também tinha serraria também.*

ES – *Todas as colonizadoras tinham serraria?*

AA – *Sim. Primeiro eles serravam a madeira e depois vendiam a terra.*

ES – *Vendiam sem a madeira de lei?*

AA – *Vendiam sem a madeira de lei. Às vezes, sobrava um pouco de pinho.*

ES – *Ocorreram muitos acidentes na extração da madeira?*

AA – *Em vista do que tinha, até que não era tanto.*

ES – *Sobre o desmatamento e sobre o meio ambiente, a senhora teria mais alguma colocação a fazer?*

AA – *Na minha opinião, o meio ambiente, eu acho que foi uma pena. Tanto desmatamento acabou com os rios.*

ES – *A senhora acha que seria possível desenvolver esta região sem o desmatamento?*

AA – *Em parte não, mas eu acho que desenvolveria igual.*

ES – *Não seria necessário derrubar todos os pinheiros?*

AA – *Acho que não, porque foram derrubados pinheiros que eram muito novos, que não davam pinha ainda. Podiam ficar muitos anos ainda.*

VII – CONSIDERAÇÕES FINAIS

ES – *Como a senhora se sente quando é solicitada para colaborar com as pesquisas sobre o povoamento local?*

AA – *Ah! Eu me sinto bem, porque eu não tenho nada a esconder e o que eu sei, eu gosto de divulgar.*

ES – *Muito obrigado.*





ENTREVISTA III

Entrevista realizada com Olímpio Dal Magro, por Euclides Staub, às 14h50min, na residência do mesmo, sito na Rua 15 de Novembro nº 472, em São Miguel do Oeste - SC, no dia 14 de outubro de 1996.

*Olimpio Dal Magro –
Colonizador e fonte de
informação desta obra*

1- DADOS DO ENTREVISTADO

ES – Qual é seu nome completo?

OD – Olímpio Dal Magro.

ES – Data de nascimento?

OD – 29 de janeiro de 1913.

ES – Nome de seus pais?

OD – Justo Dal Magro, Maria de Moro Dal Magro.

ES – E qual a procedência de seus pais?

OD – Itália. Beluno, o pai, e Piza, a mãe.

ES – E o nome de sua esposa?

OD – Bárbara Maria Quintal Dal Magro.

ES – Qual o nome de seus filhos?

OD – Carme Dal Magro, Cleusa Dal Magro e Luís Antônio Dal Magro.

ES – *Quais as profissões que desempenhou?*

OD – *Tropeiro, madeireiro, carroceiro, fui chofer de caminhão, tive casa de comércio, mas me desenvolvi no comércio. Na indústria também.*

ES – *Qual das atividades foi mais importante?*

OD – *Foi a colonização.*

ES – *Quais as recordações da sua chegada a SMO?*

OD – *Eu fui convidado a conhecer SMO como administrador da colonização, em 21 de novembro de 1943.*

ES – *E onde o senhor construiu sua família?*

OD – *Guaporé - RS. O primeiro menino, com quatro anos, eu perdi e os outros nasceram aqui.*

ES – *O que seus pais falavam da Itália? Qual o motivo da vinda para o Brasil?*

OD – *Porque eles passavam muita miséria, e não tinham terra para trabalhar, e tinham de trabalhar a meias. Matava um porco era a meias. Não tinha como trabalhar; o frio congelava tudo. Então, no inverno, as mulheres passavam na estrebaria de vaca para fazer tecelagem e os homens iam para a América do Norte (EUA) trabalhar. Na Itália, no inverno, não tinha trabalho.*

ES – *E qual a razão da pobreza na Itália?*

OD – *Falta de espaço para trabalhar.*

ES – *Superpopulação?*

OD – *Sim, superpopulação e falta de espaço para se desenvolver.*

ES – *E eles chegaram ao Brasil por intermédio de quê?*

OD – *Da colonização. Houve um convênio, do Brasil com a Europa, em 1870– 1872... por ali. Eles se espalhavam todos, e davam terras, dando tudo onde meus pais viveram.*

ES – *Quais as recordações da Itália que eles repassavam para os filhos?*

OD – *Que era um regime mais rígido do que aqui no Brasil. Então, eles diziam assim: vamos fazer por aqui. Mas no Brasil era muito mais fácil de se viver, porque tinha mais liberdade para fazer o que quisesse. Com dificuldades, nos primeiros tempos. O moinho ficava a 30 km de distância, a pé, com meio saco*

de milho nas costas, 20 ou 30 kg para fazer a polenta.

ES – *Como era o sistema de produção na Itália?*

OD – *Era de parceria, a meias. O inquilino trabalhava tudo a meias. Se matava um porco, a metade era para o patrão e a outra metade para a família.*

ES – *Patrão seria o dono da fazenda?*

OD – *Dono da propriedade.*

ES – *Normalmente que tipo de pessoa era dono das propriedades?*

OD – *Não é que eram pessoas egoístas. Não tinha outro jeito. Eles davam oportunidade para criar a família.*

ES – *A propriedade era muito grande?*

OD – *Aquela propriedade era uma colônia de 10 alqueires de terra. Hoje, na Itália, a oportunidade é maior, porque o pessoal foi debandando e o pessoal foi fazendo máquinas que naquele tempo não tinha, e tudo tinha que ser feito à mão.*

ES – *E esses meeiros, entregando a metade, eles nunca tinham chance de ser proprietário de alguma coisa?*

OD – *Não, porque não tinham safra. Era limitada a produção, e trabalhavam só seis meses por ano; nos outros seis meses iam para os EUA, para sustentar a família.*

ES – *Passavam muita necessidade durante o inverno?*

OD – *É que os maridos mandavam dinheiro e as mulheres trabalhavam nas tecelagens, faziam tecido. A minha avó trouxe todos os aparelhos para fazer tecido.*

ES – *Incentivados pela colonização, a que parte do Rio Grande do Sul eles chegaram primeiro?*

OD – *Em Bento Gonçalves.*

ES – *E junto veio mais gente?*

OD – *Sim, muita gente.*

ES – *E ficaram mais ou menos próximos?*

OD – *De origem italiana, sim.*

ES – *O senhor tem voltado para a Itália, para ver onde seus pais moravam?*

OD – *Voltei para a Itália. Passei perto quando estava em Roma. Estava 700 km longe.*

ES – *Àquela região onde seus pais nasceram, o senhor não tem voltado?*

OD – *Não.*

ES – *E deixaram alguma recordação?*

OD – *Meus pais vieram com a idade de 8 anos.*

ES – *Então seus pais não têm fotos, somente a conversa de pai para filho?*

OD – *Só conheço o que meus pais falavam.*

ES – *Em Bento Gonçalves, quais foram as atividades que seus pais desenvolveram?*

OD – *Era colono e comerciante. E aí, de lá, com idade de um ano, fomos morar em Dois Lajeados, perto de Guaporé. E ali abrimos um comércio. E eu, com idade de 7 a 8 anos, já era tropeiro e de 13 para 14 anos era carroceiro, e depois, com 18, estudei no colégio dos Irmãos Maristas e aproveitei para fazer o Tiro de Guerra (Serviço Militar Obrigatório), e quando voltei fui ser chofer de caminhão.*

ES – *Em que ano o senhor fez o Tiro de Guerra?*

OD – *Olha, foi em 1932 ou 1933, na época da revolução.*

ES – *Esse pessoal não foi chamado para a Revolução de 30 e 32, em São Paulo?*

OD – *Não.*

ES – *Sobre o comércio que o seu pai instalou em Guaporé, onde ele conseguiu o capital de giro para montar o comércio?*

OD – *Foi conseguindo aos poucos. Papai, quando ele casou – isso ele conta – não tinha dinheiro para comprar uma cama. Então ele pediu a cama emprestada do compadre. Depois então ele devolveu a cama e fez uma tarimba improvisada. Com pouco, foi crescendo. Eu me criei numa casa de comércio. Eu, quando me casei, com 25 anos, comprei a casa de comércio do meu pai.*

ES – *O senhor se casou em Guaporé?*

OD – *Foi em Dois Lajeados.*

ES – O que motivou o senhor a vir para SMO?

OD – Nada me motivou a nada. Eu estava estabelecido em Guaporé, comprando produtos da colônia. Comprava e pagava tudo a dinheiro. Aí o Anoni comprou a parte do Beneti – porque era Barth & Beneti, então o Gastão Beneti saiu e ficaram sem administrador. Aí vieram e falaram com o meu amigo, que precisavam de um homem para administrar aqui, e me procuraram. Então eu disse que ia dar uma olhada, em 2 de novembro de 1943. Mas o dono da colonizadora não veio. Ficou em Carazinho, e eu voltei. Me procuraram e queriam que eu voltasse. Eu disse: só no ano que vem, porque eu tenho de operar a mulher. E voltei em fevereiro do outro ano.

ES – Quais as lembranças de sua chegada a SMO?

OD – Era uma roça (plantação) de milho e madeira de lei cortada, e a queimada, e havia umas cinco ou seis casas.

ES – E o senhor foi morar onde quando chegou?

OD – Aí é que tá. Esperei dias, e pensei que isso era para louco. Pensei em ir embora, mas construíram a igreja para a vinda do Padre Aurélio. Ele chegou dia 15 de fevereiro e eu três dias depois, dia 18 de fevereiro.

ES – O senhor veio para administrar a colonização. E os outros? Qual era o incentivo?

OD – O incentivo era o seguinte: no Rio Grande do Sul a terra era fraca, não conhecia adubo, e tinha formiga, além de ser cara. Com o preço de uma colônia lá se comprava dez aqui. Aqui a terra era forte, era boa.

ES – E quem cuidava da lei e da ordem em SMO?

OD – Foi criada a inspetoria de Quarteirão. Aí era o Pedro Malmann.

ES – Tinha cadeia?

OD – Sim, uma casinha improvisada. Isso aí era: um roubava uma galinha do outro. Vinha muita gente de fora para abrir a estrada daqui para Dionísio Cerqueira. Eu tinha 200 homens trabalhando – abrimos à picareta.

ES – E como o pessoal construiu essas casas?

OD – Com as serrarias. Aqui na lavagem do Dalmolin, na sanguinha lá, de dia serrava madeira e de noite moinho. Serrava uma dúzia de madeira por

dia. Para construir as casas, tinha de abrir as estradas primeiro.

ES – *E qual era o meio de transporte?*

OD – *Isso era caminhão e carreta puxada a boi.*

ES – *E o correio, como funcionava?*

OD – *Depois de um ano que eu estava aqui, eu abriu uma empresa. A Hélio. Então ia de ônibus que trazia a correspondência de Carazinho, e depois eles despachavam.*

ES – *Esse telégrafo em Dionísio Cerqueira, um assunto polêmico. Dizem que na época da Guerra do Paraguai havia uma ligação telegráfica da região da guerra até o Rio de Janeiro, passando aqui por Dionísio Cerqueira.*

OD – *Isso os antigos, quando chegaram lá, já estava lá. Não posso informar.*

ES – *Em 1943, ninguém sabia quem tinha colocado a linha telegráfica?*

OD – *Sabiam que foram os federais*

ES – *O Enéas (entrevistado nesta pesquisa) disse que na linha tinha uma valeta que cabia um homem a cavalo?*

OD – *O negócio era o contrário. Na baixada a água levava a terra e represava a terra, até hoje existe. Antigamente Dionísio Cerqueira era região de exploração de erva-mate. Construíram um barracão para guardar a erva-mate. Por isso que chamam de Barracão – que fica no Paraná.*

ES – *Havia uma produção de erva-mate, na época. Para onde era vendida essa erva-mate?*

OD – *Sim, havia. Era tudo vendido para a Argentina.*

ES – *Tinha algum comércio, ali do outro lado?*

OD – *Quando nós viemos, mas era muito fraco. Querosene, pão, farinha. Do lado de cá, não tinha nada.*

ES – *A linha telegráfica começava em Dionísio?*

OD – *Não, a linha telegráfica terminava em Dionísio Cerqueira.*

ES – *Engraçado, a linha telegráfica chegava a Dionísio e ali parou?*

OD – *É, parou ali. E por isso que ninguém comentava quem construiu e porque construiu.*

ES – *Quando a Coluna Prestes passou? O que contavam sobre eles?*

OD – *Em 1928, um pouco antes de eu chegar. E só comentavam que eles seguiam uma trilha, que se formou uma estrada que hoje liga São Miguel do Oeste a Dionísio.*

ES – *Ainda sobre a Coluna Prestes. O senhor viu algum vestígio durante a construção da estrada?*

OD – *Vestígios havia bastante. A gente encontrou arreios, armamento – os próprios fuzis– e serramos alguma bala (projéteis) dos pinheiros. Havia uma briga entre companheiros em separação.*

ES – *O senhor poderia explicar o trabalho das empresas colonizadoras em São Miguel do Oeste?*

OD – *Foi a Barth & Anoni, depois eles venderam uma parte grande, como Paraíso e Romelândia. Até São José do Cedro, foi vendido 500 colônias para um grupo de Chapecó – era o Bertaso e o Crestani, e depois eles venderam também.*

ES – *Então uma colonizadora revendia a terra para outra colonizadora?*

OD – *Sim, eles revendiam.*

ES – *Eles vendiam a terra com madeira? Ou extraíam a madeira?*

OD – *Vendiam a terra com a madeira. Só a firma não vendia o pinheiro, ou vendia como pinhal. Eles davam 10 pinheiros para o colono e o restante era reservado.*

ES – *E essa madeira era exportada?*

OD – *Sim, para a Argentina – através do rio das Antas até Mondai e Uruguai (rio) abaixo, embalsada.*

ES – *Como faziam para passar o salto de São Borja?*

OD – *Só Deus sabe. Eles chegavam lá e largavam-se. As pessoas se agarravam na Balsa e, às vezes, iam por cima da água e outras por baixo, até atravessarem o salto. Às vezes, não acontecia nada com a balsa, só que tinha balsa que se soltava.*

ES – *O salto de São Borja fica antes de São Tomé ou depois?*

OD – *Não, fica logo pra lá de Itapiranga.*

ES – *Em São Tomé tinha compradores?*

OD – *Sim, tinha. Em São Tomé parava a madeira e era embalsada – balsa grande de 5 e 10 mil dúzias de madeira. O negócio era mais realizado em São Borja, e depois a madeira ia para a Barra do Quaraí. Faziam os papéis das transações e iam embora.*

ES – *Quem comprava essa madeira?*

OD – *Os castelhanos (argentinos).*

ES – *Eles compravam para o consumo deles ou para exportar?*

OD – *Mais era comércio.*

ES – *Qual foi a contribuição dos padres na formação da localidade?*

OD – *O Padre Aurélio ajudou muito, foi um batalhador. Sofreu muito nestes matos, mas ajudou muito na colonização.*

ES – *Qual era o serviço dele aqui na comunidade?*

OD – *Animava o povo, dizendo: vamos fazer isso, vamos fazer aquilo.*

ES – *E o povo lhe obedecia?*

OD – *Claro que sim, naquele tempo acreditavam no serviço.*

ES – *Como foi a história que ele construiu a igreja e depois teve de sair?*

OD – *Ele não teve de sair; ele morreu até.*

ES – *Mas depois de construir a matriz, ele foi construir outra igreja no bairro São Gotardo.*

OD – *Aí é outra história. Ele sempre quis uma capela no bairro São Gotardo. E depois sofreu um derrame. Ele, como vigário, não tinha mais condições de saúde, então o bispo nomeou outro vigário, e como era muito sentimental, sentiu-se ofendido e disse: “Eu vou ajudar construir a capela de São Gotardo e vou morar lá”. E aí na igreja grande se descontentou e não entrou mais.*

ES – *Aí não entrou mais na matriz?*

OD – *Não, não entrou mais na matriz.*

ES – *Ele não tinha mais condições de ser o vigário após o derrame?*

OD – *Não, ele tinha dificuldades de falar, e como vigário tinha de trabalhar muito. Mas ele se descontentou mesmo foi com o bispo. A briga era com o bispo*

ES – *Qual era a questão do descontentamento com o bispo?*

OD – *Porque ele não devia dar o vigário a outro padre sem falar com ele. Era*

uma questão de poder.

ES – O senhor teria mais alguma colocação a fazer sobre o povoamento de SMO?

OD – Começamos a abrir as ruas com 25 m, e chegaram as delegações e começamos a discutir o porquê das avenidas de 25 m e as travessas de 20 m. Daqui uns anos, quando as pessoas chegarem, vão pedir: quem foi que construiu essas ruazinhas que não dá nem para passar direito? Então eles falaram: Vamos fazer tudo de 15 m. Aí nós combinamos fazer tudo de 20 m. Só aquela que está pronta continua do jeito que está começada, com 25 m. (atual Avenida Getúlio Vargas) e as outras com 20 m.

III – ASPECTOS POLÍTICOS



Reunião Política 1949

ES – *Quem liderou a campanha política para a emancipação do município?*

OD – *Foram diversos. Se reuniram e formaram dois partidos políticos. Decidimos votar todos em um partido. Se decidíssemos votar todos no PMDB, todos iriam votar no PMDB e com o PDS a mesma coisa. Aí conseguimos o distrito e depois conseguimos a emancipação. Elegemos um vereador que era o Olavo Erich, e esse rapaz era trabalhador. Quando conseguimos a emancipação, mais oito se desmembraram de Chapecó.*

ES – *E quem foi o primeiro prefeito?*

OD – *Foi o Olavo Erich.*

ES – *Corno ele foi escolhido?*

OD – *Foi indicado pelo governador.*

ES – *O senhor se lembra das primeiras obras dele?*

OD – *Não fizeram nada porque não tinham nada. Hoje quando um município se emancipa, pega máquinas, verbas... Nós não pegamos nada, nem boa vontade. No primeiro ano em que eu administrei a prefeitura, a receita foi de 17.000 Cruzeiros.*

ES – *Em que ano o senhor foi eleito?*



Esporte Clube Guarani comemorando a posse de Olímpio Dal Magro (15/11/1954)

OD – Em 1953. Voltando um pouquinho: eu não queria ser candidato, mas o governador era amigo do dono da colonizadora Pinho e Terra e ele me falou: “Olimpio, você tem de ser candidato”, 40 dias antes das eleições. Aí eu disse que aceitava. Mas perguntei: “Se eu for eleito o senhor me ajuda?” “Ajudo!”, respondeu ele. “E o que o senhor pode fazer antes?” “Não posso fazer nada.” “Eu vou pedir um trator para Itapiranga, Mondai, Dionísio e São Miguel, mas este trator tem que vir antes das eleições.”

ES – Ele mandou o trator?

OD – Mandou. Eu tinha Romelândia, Guaraciaba, Anchieta e São Miguel; e tinha as estradas melhores que hoje – só com o trator, a patrolinha e um zelador.

ES – O que o senhor tinha para começar a prefeitura?

OD – Começamos em uma casa alugada. Consegui uma patrolinha com o Bornhausen (Governador do Estado) e no outro ano, com uma verba, consegui comprar um caminhão.

ES – Quem era o seu adversário político, na época?

OD – O meu adversário era o Ernesto Ghil.

ES – E a diferença de votos foi grande?

OD – Foi de 51. De sete vereadores fiz cinco.

ES – Havia perigo de fraudes nas eleições? Brigas durante a campanha?

OD – Não havia muito isso, havia... Mas na minha campanha, o Ernesto era o meu compadre. Até a gente tomava chimarrão juntos todas as manhãs; e à noite a gente se encontrava. Até, de tão amigos que nós éramos, no dia da eleição nós almoçamos juntos; lá em Guaraciaba.

ES – E a propaganda, como era feita naquela época?

OD – Era feita por programa de governo, e só se tivesse condições. E se eu fiz alguma coisa como colégio, delegacia de comarca, e outras, foi com o apoio do povo. No interior tinha telefone perto de cada escola. Para a noite tinha uma extensão no quarto. Para quem quisesse telefonar pagava um mil réis. Conseguimos telefone para todo o município. O padre da paróquia de Descanso pediu para fazer a ligação com Descanso. Com esta ligação

estávamos ligados com Itapiranga, Mondaí e Descanso.

ES – *Esses municípios novos conseguiam ligação telefônica com os grandes centros, como Florianópolis?*

OD – *Não, as ligações telefônicas se restringiam aos municípios vizinhos, só.*

ES – *Como faziam a propaganda eleitoral em nível estadual e federal?*

OD – *Era por debate, comícios. E o pessoal de São Miguel fazia comício no interior.*

ES – *Na época de Getúlio Vargas, O senhor fez campanha para quem?*

OD – *Para o Presidente Getúlio Vargas.*

ES – *E a morte dele foi suicídio?*

OD – *Ele se matou de vergonha.*

ES – *Qual era o problema?*

OD – *O problema foi que os companheiros dele fizeram os roubos e os adversários souberam. Ele acabou se matando para se safar.*

ES – *Por que o mandato dele estava cheio de problemas?*

OD – *Dizem que o mataram, mas ele se matou.*

ES – *Por que o senhor acha que ele se suicidou?*

OD – *Porque, quando ele viu os seus próprios companheiros traindo-o, antes de passar o vexame de ser deposto, ele se matou.*

ES – *Qual é o seu partido atualmente?*

OD – *Por força de amizade é o PFL, mas quando eu estava no Rio Grande, eu era getulista. Depois fui para o PDS – ARENA, hoje seria o PPB.*

ES – *O que o senhor achou da ditadura de 64 a 84?*

OD – *Eu condeno o alemão Geisel. Foi o pior governo que já tivemos. Ele demorou a combater a corrupção, fez a abertura e foi embora.*

ES – *Só que havia pessoas com o raciocínio contrário, dizendo que ele foi o melhor, que ele começou a abertura política, que era necessária para o Brasil.*

OD – *Se fazia necessário com gente honesta, mas com os corruptos que há aí!... Pelo amor de Deus!*

ES – *O senhor acha que, se a ditadura continuasse, a situação estaria melhor?*

OD – *Se limpassem tudo quando começou a apodrecer, é claro que seria bom.*

Vê comigo:

Collor foi cassado e se formos ver a fundo, vamos ver que os corruptos, com medo de serem descobertos, eliminaram apenas o cabeça. Só que entraram no processo também, e este presidente que aí está é um homem inteligente e sabe o que quer.

IV – MODOS DE PRODUÇÃO E RELAÇÃO DE TRABALHO

ES – Quais foram os primeiros empregos em SMO?

OD – A primeira fonte de renda em SMO era a madeira. Nós passamos necessidades antes da enchente; e a última foi em 43. E quando deu a enchente, levou a maior parte da madeira que estava no rio. E não tinha mais dinheiro para custear. Foram buscar madeira na ponte de Uruguaiana, neste meio tempo, para poder se sustentar, porque tudo dependia da firma. Então as firmas trabalhavam com madeira e construção de estradas, para depois nos dar lucro com o transporte da madeira. Abrimos a estrada até Dionísio Cerqueira, Bernardo Irigoya e Porto Iguaçu; 118 km no mato. Eu fui como administrador da colonizadora.

ES – Qual era a importância do trabalho dos caboclos na construção da estrada que foi construída entre SMO e Dionísio Cerqueira?

OD – A importância era a sobrevivência deles, porque o ganho daqui, trabalhavam para o sustento de suas famílias e para os velhos, levavam daqui para o Rio Grande do Sul.

ES – Nenhum desses caboclos chegou a formar patrimônio aqui em SMO?

OD – Não, nenhum. Teve alguns que tiveram casa para morar. Naquela época, era um pouco difícil. O ganho era pouco porque tudo era barato. Por exemplo: um homem trabalhador ganhava oito cruzeiros por dia.

ES – Oito cruzeiros davam para comprar o quê?

OD – Dava para fazer quase um rancho, porque o feijão era barato, a banha era barata, tudo era barato.

ES – Os caboclos demonstravam algum descontentamento com aquilo que recebiam?

OD – Não, pelo contrário. Havia empregado que se apresentava; de sobra – sobrava gente.

ES – Também não reclamavam do privilégio dos brancos?

OD – Não tinha privilégio. Num panelão comiam todos, e no panelão era à vontade. Ele não tinha. Dormiam nas tarimbas, nos acampamentos, era branco, era tudo a mesma coisa.

ES – Na sua opinião, por que hoje se reclama dos privilégios do branco?

OD – Olha, eu acho que não é privilégio do branco. É um pouco de racismo, porque preto, muita gente acha que não deve ter vez. Eu, na minha maneira de pensar, eu nunca vi diferença entre pretos e brancos, porque tem gente preta boa também e ruim também branca. É da maneira como a pessoa se cria. Eu tenho um empregado, preto. Veio com 8 anos, não quero gente melhor.



Sentado – Juventino, agregado de Olimpio Dal Magro – presenciou a passagem da Coluna Prestes em 1925

ES – *Havia greve naquela época?*

OD – *Não havia greves.*

ES – *O senhor teria mais alguma colocação sobre a abertura da estrada?*

OD – *Sobre a abertura da estrada, nós abrimos esta estrada com o intuito de colonizar. E por isso foi aberta a estrada para Dionísio Cerqueira. Para poder entrar um caminhão e colonizar. E mais, para subir com a madeira para Foz do Iguaçu. Para poder exportar a madeira, porque o rio Uruguai não dava enchente e aqui dependia só da madeira. E se não tinha venda da madeira, não entrava dinheiro. Dava uma crise braba.*

ES – *Quem pagou a construção destas estradas?*

OD – *A própria Companhia.*

ES – *Era uma das obrigações da colonizadora?*

OD – *Não tinha obrigação. Era um interesse deles, porque se não abre a estrada não entrava gente para colonização. Tudo por conta da firma. Nós conservávamos a estrada, daqui até Mondaí, para Frederico Westphalen. O comércio de Mondaí ajudou.*

V – AMBIÊNCIA SOCIAL

ES – *Qual era o passatempo nos finais de semana?*

OD – *Era futebol, cartas, algum baile; coisas normais.*

ES – *Tinha algum time de futebol?*

OD – *Sim, o Guarani.*

ES – *O senhor chegou a praticar algum esporte?*

OD – *Quando moço, sim. O futebol.*

ES – *Como era o namoro naquela época?*

OD – *Era igual ao de hoje, só menos liberdade. No meu tempo, uma gurria para sair com o namorado, sozinha, só se estivessem noivos. Hoje, saem para qualquer lado e vão sozinhos.*

ES – *E isso atrapalhava?*

OD – *Não, era costume.*



Inauguração do Campo Guarani

C. E. Guarini 2x2 Gaúcho de Ijuí (1957)

Em pé: Lauro Schacker, Tio Julião, Bimba, Alencar, Nédio Borsato, Campioli, Lambari, Tião, Zé Ari Mota, Neory Eidt e Daniel Baldissera

gachados: Roni Chitto, Nery Borsatto, Paulo Chitto, Carlito Stumpf, Zanchi, entre outros

ES – *O casamento durava mais naquela época?*

OD – *Durava, sim, porque se era casado era casado. Isso quando acontecesse um desquite, Deus me livre, comentário de meio mundo; hoje, não.*

ES – *Hoje tem historiadores e sociólogos que dizem que, naquela época, o trabalho da mulher era muito explorado. Ela praticamente só servia para cuidar da casa.*

OD – *Na minha opinião, não tinha acesso à política. Era isso aí. Só votava. Agora, escrava da família, só se uma família ou outra, onde o homem não gostasse da família. Na agricultura a mulher trabalhava como homem. Não era obrigada. Era uma necessidade para melhorar de vida.*

ES – Nesse casamento, o padre interferia para o bom andamento da família?

OD – Ele recomendava, fazia as recomendações.

ES – A recomendação do padre, de que forma ela ocorria?

OD – Se respeitar um ao outro, ser fiel e educar na religião católica os filhos que tivessem. Devem ter amor um com o outro e com o próximo.

ES – Nesse sentido, qual foi o padre que se destacou?

OD – Aqui tivemos, 30 ou 40 anos, um padre só, que foi o Padre Aurélio.

ES – Como foi criado o Santuário do Caravagio?

OD – Foi uma promessa da minha irmã em conhecer a Santa do Caravagio. Aí minha irmã falou se eles quisessem criar a igreja ali, ela daria a santa de presente.

ES – Qual é o nome de sua irmã?

OD – Albina Dal Magro. Ela mora em Frederico Westphalen.

ES – Quem prestava o atendimento médico?

OD – Ninguém prestava, porque a farmácia mais próxima ficava em Mondai. Então a companhia resolveu procurar um médico e pagar por mês, para dar assistência à população. Porque tudo era pobre. Se dependesse de pagar, não tinham com que pagar. Então a firma arrumou em Caxias o Dr. Maximino Resende, e ele veio pra cá. Ficou 4 anos ganhando pela firma. Ganhava 4.000,00 cruzeiros por mês.

ES – Qual era o hospital mais próximo?

OD – Chapecó.

ES – Como evacuavam os doentes para o hospital?

OD – Por meio dos caminhões da empresa.

ES – Teve alguma epidemia aqui?

OD – Teve uma muito grande, o tifo. Sorte que estava aqui o médico. Morreram mais de dez pessoas.

ES – Em que ano começou a ter ensino regular em SMO?

OD – A partir de 1943.

ES – Que escola era?

OD – Escola mantida pela firma; e o professor era o Ismael Pelissári, pago

pela firma.

ES – *O que eles ensinavam na escola?*

OD – *Quatro coisas: somar, dividir, ler e escrever.*

ES – *Quem contribuiu para que as escolas, como os colégios Peperi e São José se instalassem aqui em SMO?*

OD – *Eu, como prefeito, sempre pensei em educação. Eu, como prefeito, pensei em trazer o ginásio pra cá. Eu procurei os irmãos Maristas em Passo Fundo. Aí, em menos de seis anos não podiam porque estavam sem gente para tocar o colégio. Aí fui procurar os irmãos Lassalistas. Aí consegui, mas tivemos de dar as salas construídas, para ficarem 30 anos. Se ficassem mais de 30 anos, seriam donos do colégio e estão aí até hoje.*

VI – TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS

ES – *Qual era a madeira que mais tinha na região?*

OD – *Era muito pinheiral.*

ES – *Como era visto o desmatamento, pelos índios, aqui na região?*

OD – *Índio não tinha e nunca teve aqui. Não existia.*

ES – *Aparecia algum pedido para não derrubar a madeira?*

OD – *Não. Derrubavam a madeira para a plantação futura. E o pinheiro, cobravam uma taxa, ou tinha de fazer reflorestamento.*

ES – *Foi muito importante a comercialização da madeira para SMO?*

OD – *Sim, foi a principal, foi como começou. Se não fosse a madeira, como é que o colono ia, entrava aqui e sobrevivia? Estrada ruim.*

ES – *Não haveria possibilidade de fazer o desenvolvimento sem derrubar o pinheiro?*

OD – *Não, de jeito nenhum.*

ES – *E como era feita a caça?*

OD – *Esporadicamente. Ninguém era caçador, só que aqui tinha, na área urbana, tateto, anta, apareciam os veados, porcos-do-mato e outros. Esporadicamente alguém ia caçar.*

ES – Qual o prejuízo que o desmatamento trouxe para SMO?

OD – Eu não vi nenhum prejuízo. Foi o progresso de São Miguel, porque se não fosse o desmatamento como iria desenvolver? Mato não desenvolve.

ES – Qual a importância dos balseiros para a população?

OD – Para a população não tinha importância. O balseiro ganhava Cr 100,00 por semana.

ES – A extração dessa madeira, que era extraída aqui em SMO, descia pelos rios das Antas, Uruguai e pelo Peperiguaçu?

OD – Pelo Peperiguaçu, era outra firma que cortava madeiras roliças e exportava por lá.

ES – Naquela época tiravam madeira da Argentina?

OD – Tinha madeira de sobra aqui. Por que tirar da Argentina?

ES – Quais os prejuízos irreparáveis causados pelo desmatamento?

OD – Digamos que a extração da madeira foi o progresso para SMO e para a região. Se o colono tinha um cedro estorvando, vendia e fazia dinheiro.

ES – Qual era a maior serraria da região.

OD – Era a Barth & Anoni, que tinha uma dúzia de serrarias.

ES – Elas eram movidas à água ou a vapor?

OD – Máquina a vapor.

ES – Ocorreram acidentes durante a extração da madeira?

OD – Acidentes normalmente acontecem. Só um que ficou mais marcado. Foi em Descanso que, depois de uma serraria estar pronta, o dono foi testar e a máquina explodiu e ele se queimou todo. Não morreu por muita sorte, mas ficou 90 dias no hospital.

ES – Então os acidentes não aconteciam freqüentemente?

OD – Não, só acidentes pequenos.

ES – Sobre a extração da madeira, o senhor teria mais alguma colocação a fazer?

OD – Eu digo o seguinte: foi o começo da colonização. Quem começou a colonização foi o pessoal do Rio Grande. Começaram a exportar madeira no rio das Antas. O começo foi a extração da madeira. A colonização veio

depois.

ES – *Na sua opinião, o dinheiro gerado pela extração da madeira ficou em SMO?*

OD – *Olha, a maior parte levaram embora, umas faliram e, umas ficaram e outras foram embora.*

ES – *Quais as firmas que ainda se encontram em SMO? E se beneficiaram com isso?*

OD – *Era a Barth & Anoni, que hoje não existem mais. Foram embora todos.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

ES – *Como o senhor se sente quando é solicitado para colaborar com as pesquisas sobre o povoamento de SMO?*

OD – *Eu me sinto feliz, porque posso contribuir para alguma coisa.*

ES – *Considerando as dificuldades atuais que os jovens encontram hoje, o senhor como colonizador bem-sucedido, qual a sugestão que o senhor dá para o jovem de hoje?*

OD – *Para a juventude de hoje? Não gastar mais do que ganha. A maioria cuida pouco. Porque perguntam pra mim: Tudo bem, o senhor trabalhou bastante, mas como é que se faz para ficar bem de vida? Ou ficar rico? Eu não sei, mas para ficar um pouco melhor na vida é muito simples: trabalhar bastante, ganhar o justo e gastar menos que se ganha. Aí o sucesso aparece.*

ES – *E fazer o que com o excedente?*

OD – *Aplicar no que tem interesse. Se gosta de uma casa, constrói uma casa; um carro. Porque se é para pegar o dinheiro e deixar em casa, então não adianta nada.*

ES – *Muito obrigado.*



Encerra uma etapa da produção de um trabalho de pesquisa que busca evidenciar e valorizar a história Social, Política e Econômica do Extremo Oeste Catarinense com base o testemunho vivo e ocular, bem como dos documentos e imagens acerca da história do povoamento local.

A metodologia da coleta de dados baseia-se na história oral que, no Brasil, em geral não possui o prestígio necessário diferente ao que lhe é atribuído nos Estados Unidos por exemplo. Porém, é significativa a sua utilização no âmbito da produção científica na sociologia brasileira, bem como nos livros sobre metodologia da pesquisa já publicados.

A delimitação do tema se faz necessária e exige que faça determinadas escolhas, diante disso abre-se a possibilidade para novos estudos que devem retomar e aprofundar esse tema e de outros aspectos não abordados no presente trabalho, registra-se o agradecimento a todos que colaboraram para a concretização desta obra, especialmente aos entrevistados e suas famílias.

Aneide Anoni – Eneas Scherer – Olimpio Dal Magro.





José Raul Staub, Mestre em
Educação e Cultura -
Universidade do Estado de Santa
Catarina - **UDESC** - Especialista
em Mídias na Educação -
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul - **UFRGS**.
Graduado em Licenciatura Plena
História - **UDESC**. Professor
Universidade do Vale do Itajaí –
UNIVALI - 2002-2005, Professor
Rede Pública Municipal de São
José – **SC** 1999-2005. Atual -
Professor Secretaria de Estado da
Educação de Santa Catarina com
atuação no Conselho Estadual de
Educação de Santa Catarina
CEE/SC e Professor Centro
Universitário Municipal de São
José/**SC** – **USJ**.



A obra “Povoamento e Colonização do Extremo-Oeste de Santa Catarina, Segundo os primeiros moradores” foi idealizada a partir de uma pesquisa de Conclusão do Curso de Historia de um dos autores na UNOESC- 1995, a qual possibilitou os aspectos estruturantes que norteiam o roteiro do livro que tem por base os depoimentos de Aneide Anoni - Eneas Scherer e Olimpio Dal Magro. Depoimentos esses, que constituem a principal fonte de informações que permitem descrever a trajetória dos fatos que fizeram parte da Colonização, povoamento e consolidação de vilas e cidades no Extremo-Oeste de Santa Catarina.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-67719-00-9



9 788567 719009